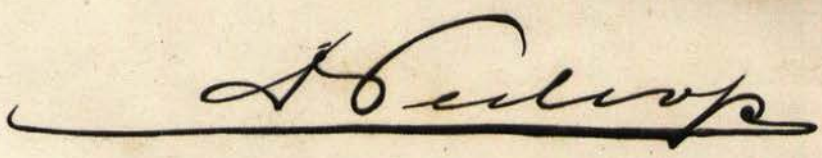
Rev. 1123
1123
V.
M.
COMPRA
JUL 1939
BIBLIOTECA MUNICIPAL CENTRAL
R:31.214
BIBLIOTECAS MUNICIPALES

Sousa



1861 - 1862

S. M. EL-REI O SR. D. PEDRO V.

I

biographia dos reis é a historia: não traçâmos aqui a biographia de um rei!

Lavramos apenas em breves linhas um protesto nacional de affecto e de respeito ao principe mancebo, que é o primeiro pelas virtudes, como é o primeiro pela jerarchia!

«Protesto», dirão. Protesto, sim. Não será inutil protestarmos aqui, não será inutil protestarmos agora, não será inutil protestarmos todos n'este reino os sentimentos de entranhado amor, que ligam o paiz ao seu monarcha, pois que facções temerarias — não entre nós, porque entre nós seriam logo confundidas — mas longe de Portugal, n'algum recanto onde os rancores se abrigam, ousam levantar a voz para arguir ao joven soberano a culpa de respeitar as instituições, e o crime de comprehender a liberdade!

Protestemos por isso todos nós, filhos d'ella, unidos em volta

do throno constitucional, e protestemos assim — apontando para os exemplos, que attestam os desvellos do rei pelo povo, e a veneração do povo pelo rei!

II

Poucos annos ha, depois de percorrer a Europa saudado com admiração pela voz unisona das nações cultas, subiu ao throno o Senhor Rei D. Pedro V, rasão amadurecida pelo estudo, elevada intelligencia fortificada pela philosophia, coração educado pelo exemplo. Como para lhe temperar e avigorar o animo enviou-lhe Deus nos primeiros dias as severas provações da adversidade!

Começa ahi o seu elogio, não em palavras, senão em feitos.

Quereis avalial-o? Recordae a época da temerosa calamidade que visitou, affligiu, e assollou a capital.

Um tremendo flagello desmaia a população, o susto dispersa-a, o pavor paralysa-a. Está a lividez em todos os rostos, está o sobresalto em todas as almas, está a angustia em todas as familias. Os amigos, que se encontram, como que lugubremente se festejam de se acharem ainda no mundo, ponderando no interior as anciadas incertezas do dia seguinte. A este extremo se chega, que a mesma saudação é um terror!

Entrou o desalento nos mais esforçados corações; e o amplo povoado, ermo em parte, em parte privado do movimento que o fazia cidade, parece antes um vasto cemiterio, em que os vivos acompanham os mortos, como quem aguarda a sua vez.

No meio do geral desconforto, n'este desfallecimento e prostração, quem levanta os espiritos, quem incita as devoções, quem precede a todos no arduo caminho do dever?

É esse mancebo, recebido n'um regaço real, nascido entre arminhos, creado entre os mimos e regalos de uma côrte. Esse é, que apenas sentado no throno, acha logo diante de si, para o combater e debellar, o invisivel inimigo, que arrasta comsigo aquelle funebre cortejo.

Vede com que denodada resolução o encara e accommette! Vede com que serena intrepidez se arremeça aos logares de maior perigo! Vede como dá com o seu exemplo valor aos tibios e constancia aos fortes! Vede com que religiosa piedade solta os vôos á beneficencia! Vede com que arrojada perseverança se obstina n'essa batalha de mezes! Vede emfim com que desprendimento christianissimo estende a purpura sobre o leito tocado do contagio!

Esta a primeira pagina d'uma existencia, que em tal verdor de annos, tanto já se recommenda e avantaja — pagina brilhante

que o povo tem no coração e gravou na memoria—pagina exemplar em que as virtudes do Evangelho sam pratica e não rótulo.

Com estes titulos se fundaram sempre as legitimidades, e com estes se confirmam quando estão já fundadas. Os direitos, que veem de tam justificada união e intimidade entre os povos e os monarchas, não se aballam nem se estremecem ao impulso de tempestades de phrases, dictadas por suspeitos interesses. Direito divino é este, porque este cumpre deveras o verbo de Deus!

III

Se as dores do povo foram as primeiras dores do monarcha, o homem teve tambem o seu quinhão, ferido nos domesticos affectos: como por justa compensação a saudade do rei fez-se saudade do povo.

Sabem todos a que magoado acontecimento alludimos.

Todos poderão tambem avaliar como chegariam fundo as lagrimas d'uma separação, tão proxima aos alvoroços da auspiciada liança, que bem se póde dizer que o veu dos esponsaes se tingiu em crepe ainda na fronte da esposa real.

Para um principe educado nas santas alegrias da familia, e de tão sã e exemplar familia, este desfolhar das primeiras esperanças, esta crua advertencia dos terrenos martyrios, havia de ser— forçosamente foi — um transe excruciante. Padeceu-o o moço rei com a religiosa submissão, que em si entranha todo o pesar, como quem se prepara para as tremendas luctas da vida. No silencio de seus paços, em torno dos quaes soluçava a multidão desafogando em prantos e bençãos, o soberano exgotou até ás fezes este calix de amargura.

Magnatas e populares, unidos no mesmo sentimento, infileirados no mesmo sequito, testimunharam então as unanimes sympathias que saudavam a rainha triumphante no ceu, e o rei desconsolado na terra!

Esta communidade da afflicção estreitou ainda mais os vinculos que prendiam ao Senhor Rei D. Pedro v os portuguezes. A magestade da tribulação tornava mais veneranda a magestade do solio; a aureola do soffrimento viril redoirava a corôa do monarcha, inspirado em todos os lances pela profunda consciencia do dever.

IV

Pertence o Senhor D. Pedro v ao limitadissimo numero de soberanos, que não têem que ambicionar dilatados senhorios. Não

tem com effeito, porque chega com o dominio até onde não vão os jugos odiosos. Imperio de almas é verdadeiramente o seu, e quem tem este não póde invejar maior possessão.

Para o verificar, comparae.

Tal monarcha, senhor de vastas provincias, não póde atravessal-as sem levar comsigo legiões; este percorre de uma a outra extremidade o reino de seus avós, escoltado sómente das bençãos do povo. Tal não ousa sair, sem mandar adiante os seus lictores a abrir-lhe o passo, sem levar ao lado os seus pretorianos a acautelar-lhe os perigos, e quando passa, passa entre o silencio dos opprimidos, ou as acclamações dos venaes; este faz-se unicamente preceder do annuncio do seu nome, e acorrem as turbas a enflorar-lhe a estrada. Tal se resguarda entre renques de bayonetas, symbolo do poder que extermina; este viaja entre fileiras de charruas, symbolo do poder que fecunda.

Não diz tudo o parallelo?

Grande, certamente, grande e gloriosa é a missão dos imperantes, que á frente das grandes nações dão impulso á civilisação e ao mundo, que á testa de hostes brilhantes promovem a emancipação da humanidade e o curso das idéas. Mas nem a extensão dos territorios, nem a força dos exercitos, nem as agglomerações de povos, distribuidos e guardados como rebanhos, dão já consistencia aos sombrios despotismos, que tem só as exterioridades e o aparato do poder, sem as proficuas realidades d'elle, pois que esse poder, unicamente efficaz para mais alguns dias prolongar a compressão, se mostra quasi sempre incompativel com os desenvolvimentos que fazem a prosperidade real dos estados.

Mais, muito mais do que o mysterioso terror, que passa por grandeza n'estes ultimos, vale o amoroso desvello das magistraturas supremas, que, desempenhando um papel na apparencia mais modesto, não se dedignam de se empregar activamente no grangeio e aproveitamento dos progressos humanos e dos bons sentimentos.

É admiral-as na fundação das instituições uteis, na vigilancia sobre as coisas prestantes, no empenho com que levam a sollicitude até ao seio da escóla, e a caridade até ao seio da miseria! É reverencial-as conforto de todas as dôres, amparo de todas as mingoas, modello de todos os cuidados, incentivo de todos os adiantamentos!

Tambem os que assim fazem ganham palmas, ceifam loiros, e realisam conquistas. Mas estas são conquistas incruentas, que não enrubescem de sangue os mantos regios; mas aqui os dominios

alargam-se pelas espheras da intelligencia; mas com elles povos e reis tornam-se bem mais solidamente, bem mais naturalmente maiores pelas preeminencias do espirito, do que nenhuns o fariam pela espada e pela violencia.

Para este fito caminha o mundo, e por mais que façam não volverá atraz!

V

Do Senhor Rei D. Pedro v nada mais diremos. Uma indicação basta, uma commemoração sobra.

O seu reinado começa: as esperanças, que principiaram com elle, nem ainda foram desmentidas, nem ainda estam completas. Demos tempo ao tempo.

Não é já moda hoje adular os reis. Tam pouco fôra possivel fazel-o impunemente, porque as chronicas aulicas tem correctivos temerosos, e os escriptores cesareos mal poderiam apparecer ante a grande luz da imprensa livre.

Voltaram-se os cortezãos interessados para outro poder, e ahi cumprirá atalayal-os, para os corrigir quando se desmandarem.

Compendiâmos apenas em succintas phrazes o que todos vêem, o que todos sabem, o que todos sentem, o que todos podem certificar, o que ninguem confutará.

Quando vier a concluir-se este capitulo dos annaes patrios, que da entrada saudamos, não faltará quem o escreva como deve escrever-se — como ha de escrever-se — com mais pausa e tempo, com mais meditação e menos desprimor.

Nem sequer um esboço é isto: não passa de um laconico memorando, que só tem um merito — a sinceridade do affecto e do respeito!

Mendes Leal.

AO INSIGNE POETA E ESMERADO PROSADOR

ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO

Incomparavel Traductor de Ovidio

em testimunho da veneração e respeito devidos aos seus trabalhos litterarios, á infatigavel assiduidade com que promove o melhoramento do ensino popular, ao desvelado carinho e leal amizade com que distingue e favorece os homens estudiosos e honrados

offerece este romance

O seu maior devedor, amigo e creado

A. A. Teixe'ra de Vasconcellos.

Paris 11, rua de Moscow,
2 de Julho de 1861.

A ERMIDA DE CASTROMINO

I

Em um dos pincaros mais elevados da cordilheira, que os antigos denominavam *Montes Herminios,* e que nós hoje intitulamos *Serra da Estrella,* divisava-se, haverá talvez vinte annos, uma pequena capella. O povo de Valezim que lhe ficava proximo na raiz da montanha, chamava-lhe mui naturalmente a Ermida da Serra.

Alguns homens discretos, moradores de S. Romão e de Loriga, e entendidos em tradicções historicas, sustentavam que se devia dizer Ermida de Castromino. Segundo a opinião d'estes doutos archeologos, Castronimo era derivação e corruptela da expressão romana *Castrum Herminii,* e affirmavam que fôra sempre esse o nome do pico alcantilado, em cujo cimo inexperadamente surgíra a ermida.

Consinta o leitor que para não desgostar os sabios, nem descontentar o povo, que tantas vezes sabe mais e diz melhor do que elles na candura e singeleza da expressão, eu empregue ora uma, ora outra, d'estas duas denominações.

A posição era altissima. A subida em extremo difficultosa. O caminho principiava em um oiteiro que se encostava ao pincaro a meia altura pelo lado do oriente, e seguia em forma de espiral á volta d'aquella immensa pyramide truncada que as revoluções physicas do globo haviam erigido ali. Parecia ter sido cortado na rocha com intento de vedar a passagem aos que não fossem praticos d'aquella senda estreitissima.

Com effeito o atalho a que a profundidade medonha do abismo accrescentava a cada passo novos perigos, ia-se apertando de modo que em alguns sitios apenas se encontrava onde poisar o pé, e em outros era mister subir a pique meio metro ou mais, para achar a continuação da estrada estrategica que levava ao cume da montanha.

Quem tinha animo de emprehender esta ascensão arriscada, e a intrepidez de a levar ao cabo, avistava para o poente um horisonte vasto e formosissimo, e no alto do pico podia sentar-se nos restos de um derrocado castro romano, que ainda resistiam á invencivel força do tempo. Depois é que das pedras em que talvez trabalhára a mão do povo-rei, veio a edificar-se a capellinha.

Para descanço e reconforto dos peregrinos, havia desde a base até ao cimo do pincaro dois ou tres logares, nos quaes a vereda alargava, espraiando-se em terrados não mui espaçosos, mas sufficientes para repoiso de tres ou quatro pessoas. Ali desapparecia o rasto do caminho, e só alguns pastores sabiam descobrir-lhe a continuação por entre as asperezas irregulares do granito.

Corriam annos e annos sem que assomasse um viajante na cumiada d'aquelles escabrosos precipicios, em que a Serra da Estrella se despenha para o occidente, e dos forasteiros que passavam em alguma das quatro villas de Valezim, Arouca da Serra, Loriga e S. Romão, poucos—rarissimos—se deliberavam a investir com subida tão agreste.

Em 1860 já a ermida era como o castro romano um montão de ruinas. Houvera ali um ermitão que por suas mãos construíra o pequeno templo, e abríra diante da porta tres sepulturas. Sobre duas assentára desde logo campas arrancadas aos muros da fortaleza, e compostas de differentes pedras rijamente ligadas com cimento. Na pedra mais apparente de uma das sepulturas mão cuidadosa lavrára com esmero o nome de *Anna*. No outro tumulo lia-se o nome de *Salvador*.

A terceira cova não tinha campa. O hospede que havia de dormir n'ella o somno eterno ainda não chegára. O ermitão conservava-a sempre limpa; despejava a agua da chuva ou da neve que a enchia ás

vezes, e em tudo a cuidava como se fôra guarida destinada ao derradeiro agasalho do seu melhor amigo.

No principio o ermitão descia ao povoado a comprar provimentos, e a procurar os utensis que lhe eram necessarios e que nem sempre se encontravam em paragem tão desviada. Ia a miudo conferenciar com o parocho da freguezia, e era voz que ali escrevia algumas cartas. A final o vigario mandava-lhe de dois em dois dias o sustento.

O creado do vigario approximava-se á base da montanha pelo lado que a natureza talhára mais perpendicularmente, e punha o mantimento em um cesto que o ermitão guindava vagarosamente para o espigão do pincaro. Desde então nunca mais desceu a Valezim, nem á residencia parochial.

Era homem ainda moço, de estatura meiã, e de tez morena e descorada. A barba e os cabellos negros para logo alvejaram como as pontas d'aquellas serranias. Nos primeiros dias da sua apparição em Valezim notou-se que trajava como a gente da cidade, porém na proxima semana já vestia de burel ao uso da serra, e nunca mais mudou de trajo. Em quanto viveu em Castromino não adoptou habito ecclesiastico.

Os pastores queriam-lhe muito. O ermitão ensinava-lhes a tratarem-se em caso de enfermidade, e frequentemente lhes ensinava a acudirem ao gado doente. Eram receitas de execução facil, de custo modico e de effeito quasi sempre excellente. O povo dizia que o homem da ermida da serra era santo, e tinha-lhe as curas por milagrosas.

Foi-se a fama espalhando pela serra, e quando elle descia de Castromino, já o estavam esperando os seus amigos pastores para lhe pedirem remedios para os seus achaques ou para os do gado. Escutava-os o ermitão com carinhosa benevolencia, e parecia alegrar-se de vêr aquella gente rustica que sinceramente o amava.

Depois que deixou de vir ao povoado, os pastores cançados de olhar saudosamente para o trilho por onde o viam d'antes baixar iam ter com o vigario. Este mandava com os provimentos um bilhete, e recebia a resposta immediatamente. Quando o cesto descia, vinha n'elle a receita pedida pelo parocho, e os pastores bemdiziam o ermitão da serra.

Um dia chegou o criado do vigario e viu o cesto no chão, e a corda tambem. Perto estava um papel que o vento levára para junto do penedo mais visinho. O criado deixou os mantimentos confiados á guarda dos pastores, e correu á residencia a entregar o papel ao amo.

No papel estavam escritas a lapis as seguintes palavras em letra que custava a lêr:

«Sinto proximo o fim da vida, meu bom amigo. Não sei se terei for-
«ças para chegar até amanhã. O meu testamento está sobre o altar.
«Rogue a Deus pelo descanso da minha alma.

Henrique.

O sacerdote apezar da idade avançada e da estação ainda então invernosa, veio logo ao sitio, e offereceu boa recompensa a quem subisse a Castromino a saber do ermitão.

—Qual recompensa, senhor vigario, responderam os pastores. Se o santinho está enfermo, vae-se lá já. Aqui está o João que é lesto e que sabe o caminho.

—Prompto, acudiu o João rompendo por entre os companheiros. Encommende-me a Deus, senhor vigario. Com a neve que ainda ha, ninguem sabe o que póde succeder.

—Vae, meu filho, replicou o padre. Essa confiança em Deus ha de levar-te e trazer-te a salvamento. Se encontrares vivo o ermitão, deita uma pedra lá de cima. Se estiver morto, deita duas.

—Morto? Pois elle hade estar morto? Aquelle santo homem que tão nosso amigo era, clamaram os pastores todos.

—E porque não, meus filhos? A todos nós chega a hora derradeira. Olha, João, se por desgraça estiver morto, pega no corpo, mette-o na cóva aberta, cobre-o com a terra que está ao lado, até que a sepultura fique cheia, e põe-lhe em cima a campa que has de encontrar encostada á parede da capella e que é egual ás dos outros dois tumulos.

—Eu tenho fé que não ha de ser necessario.

—Oxalá. Traze os papeis que vires em cima do altar. Na ermida ha cordas. Larga uma para este lado, nós lhe ataremos o cesto, e n'elle mandarás os papeis. É melhor desceres com as mãos livres.

—Sim senhor, senhor vigario, mas eu não tenho mêdo de descer ainda que viesse carregado. O peor é a neve, porém eu levo a minha foice para abrir caminho. O carreiro não é tão mau, como isso, e ainda não aconteceu desgraça. E mais não sou eu só que lá tenho ido.

—Enganas-te João. Já ahi houve um grande desastre.

—Isso foi ha muitos annos, senhor vigario.

Estas ultimas palavras do pastor já foram pronunciadas ao entrar animosamente na vereda tortuosa do pico de Castromino.

Grande foi a angustia em que ficaram os pastores e o vigario. Seguiram com os olhos a perigosa ascensão do animoso mancebo, e viram-no apparecer por differentes vezes e esconder-se de novo nas curvas obliquas da vereda, até chegar ao alto da montanha. A cada instante aguardavam o signal ajustado. Finalmente caíu uma pedra rolando até á base do pico. A ancia dos amigos do ermitão redobrou. A segunda pedra veio apoz a primeira.

—Oremos ao Senhor pelo descanso eterno d'aquelle nosso irmão, exclamou o vigario caíndo em joelhos. Os pastores prostraram-se por terra a respeitosa distancia do parocho e resaram pela alma do seu querido ermitão a segunda parte da oração dominical em resposta á primeira, que o velho padre recitára.

O vigario ainda permaneceu ajoelhado. Quem escutasse o que balbuciavam os seus beiços, ouviria os versiculos d'aquella sublime e sentida supplica com que a Egreja pede ao Eterno que na hora extrema se compadeça de nós pela sua grande misericordia, e que pela grandeza das suas commiserações perdoe as nossas iniquidades, e nos purifique. Os pastores repetiam em voz baixa e tremula de sincero pranto o Padre Nosso pela alma do fallecido.

A corda baixando de Castromino interrompeu a reza. Os pastores ataram-a nas azas do cesto, o qual depois de breve espaço baixou, trazendo dentro um masso lacrado com sobrescrito ao vigario. Duas horas depois chegou o João.

Tinha encontrado o ermitão ajoelhado contra o parapeito, donde costumava deitar o cesto, os braços sobre a pedra, a cabeça reclinada em um d'elles, e a phisionomia tão composta como se estivera dormindo. O corpo frio e hirto. O pastor quiz indireital-o, mas apezar de robusto, não o conseguiu. Teve de sepultal-o assim.

O ermitão depois que se affastára inteiramente do trato com os homens, fôra perdendo insensivelmente as forças até chegar ao ultimo grau de extenuação e de magreza a que a phtysica pulmonar reduz as suas victimas. Dava ao vigario informações amiudadas e exactas ácerca do estado da sua saude, e instruido como parecia ser nas sciencias medicas, não se esquecia de indicar a probabilidade de que em breve visse o termo das penas d'esta vida.

O João trouxe de Castronimo o lenço que o ermitão apertava na mão direita, no qual havia laivos de sangue. O pastor pediu ao parocho que lh'o deixasse rasgar e repartir os pedaços entre os homens da serra.

—É reliquia de um santo, diziam elles.

—Não meus filhos, não é reliquia de santo. Só Deus sabe quem são os santos.

—Pois se este não era santo, tambem.....

—Parece-me que era um bom christão, interrompeu o vigario derramando lagrimas. Repartam o lenço, meus filhos, não como reliquia mas como lembrança de um amigo, e façam por serem honrados e caritativos como elle era. Deus o tenha á sua vista.

—Amen, responderam os pastores rasgando o lenço e beijando devotamente os pedaços.

(Continúa.)

A. A. Teixeira de Vasconcellos.

JULIO MAXIMO DE OLIVEIRA PIMENTEL

Com o anno de 1851 inaugurou-se uma época inteiramente nova para o paiz, para a opinião e para o governo. Com titulo demasiado ambicioso se chamou a *regeneração*. Que foi porém reforma e reforma n'alguns pontos auspiciosa ninguem já hoje o pode negar. Data d'ahi a consciencia do nosso atraso em relação aos povos cultos, e o desejo vehemente de o compensar pelo melhor aproveitamento das forças sociaes.

O governo de então annunciando e emprehendendo melhoramentos em varias provincias da administração não podia deixar ocioso o talento comprovado de Julio Pimentel e a sua vocação especial para todas as emprezas, em que se requer sciencia, perseverança e dedicação.

Para differentes commissões foi nomeado Julio Pimentel, entre outras a da reforma do arsenal do exercito e a da organisação da Academia Real das Sciencias, de que foi então nomeado socio effectivo.

Reconhecendo quanto a cidade ganharia para a sua melhor administração, aformoseamento e hygiene que na sua municipalidade, em vez de singellos e ignorantes burguezes, entrassem homens de reconhecida reputação intellectual, como a de Julio Pimentel, empenharam-se os seus amigos para que elle accei-

tasse a vereação. Foi eleito para este cargo, em que logo fez sentir quanto a sciencia illustra e encaminha a administração.

N'uma vagatura que appareceu na camara dos deputados, foi Julio Pimentel eleito deputado por um dos collegios eleitoraes de Lisboa. A camara foi dissolvida pouco depois. Nas eleições geraes a cidade de Lisboa confirmou a confiança que n'elle pozera, conferindo-lhe novamente o seu mandato.

Durante toda a legislatura soube sempre Julio Pimentel associar aos deveres parlamentares os seus numerosos trabalhos scientificos, que nunca desamparou. Assistia regularmente ás sessões, e regia ao mesmo tempo a sua cadeira na escóla polytechnica e a de chimica industrial, para que fôra nomeado, logo desde a fundação do instituto. Os fastos parlamentares attestam em muitas paginas que o deputado comprehendeu as obrigações da vida publica com a mesma consciencia e pondunor, com que adolescente entendera a honra do soldado, com que homem de sciencia repellira do seu caracter a menor sombra de charlatanismo, a que são quasi sempre tão propensos os sabios da nossa terra.

Por então emprehendeu Julio Pimentel um trabalho scientifico notavel. Era a analyse das aguas potaveis de Lisboa. Sobre o assumpto publicou alguns excellentes artigos na *Gazeta Medica*. Eram elles principio de uma interessante monographia, que multiplicadas obrigações e empenhos mais urgentes lhe não deixaram ainda até hoje concluir.

Na nova serie das Memorias da Academia Real das Sciencias se deu á estampa um estudo de Julio Pimentel sobre o amendobi *(arachis hypogea)*; com o qual se vulgarisou o conhecimento d'este producto vegetal e se despertou o desejo de alargar as suas applicações industriaes.

Nas collecções da Academia figura um outro trabalho de chimica, e suas applicações á geologia. É a memoria sobre o sulfato de soda natural do vulcão da ilha do Fogo, no archipelago de Cabo Verde.

Seria impracticavel individuar n'este logar todas as analyses e estudos chimicos, a que se applicou a incansavel actividade do nosso professor, e os serviços eminentes, que elle tem prestado á industria nacional, prestando-se a esclarecer com a luz da sua muita experiencia e do seu talento, as innumeras questões, em que lhe pedem analyses ou quando menos, conselho e direcção.

No periodo, a que me vou referindo, concluio Julio Pimentel a publicação das suas *Licções de Chimica*, que havia começado a dar á luz no anno de 1850. É a primeira obra completa, que so-

bre a chimica moderna se haja escripto em Portugal e se Julio Pimentel não tivera por trabalhos originaes conquistado a primasia entre os chimicos portuguezes, o seu livro lhe asseguraria de certo um logar distincto entre os conscenciosos vulgarisadores das sciencias de util e geral applicação.

Em 1855 Portugal concorria á grande exposição universal que devia celebrar-se em Paris. Cumpria que o paiz se apresentasse decorosamente n'aquella solemnidade cosmopolita, onde ia festejar-se o primeiro e o mais vigoroso laço da humanidade culta, a fraternidade do trabalho. O ministro Fontes commetteu a Julio Pimentel o encargo de ir a Paris cuidar dos preparativos para a collocação dos nossos productos na parte, que nos cabia no palacio da industria; e a diligencia e actividade com que desempenhou a sua missão contribuiram em grande parte para que não fossemos das ultimas nações que figuraram n'aquella sumptuosa festividade industrial. Quando o commissario regio Avila chegou a Paris encontrou já em bom caminho as coisas da exposição portugueza. Dos commissarios portuguezes mereceram tres a honra de serem nomeados para formarem parte do jury internacional.

Foram Julio Pimentel, Corvo, e José Horta. Do modo porque estes tres distinctos professores da escóla polytechnica se desempenharam da grave responsabilidade d'este encargo, deu eloquente testemunho a honrosa deferencia, que mereceram aos mais illustres sabios, que de todo o mundo civilisado haviam concorrido a constituir aquelle concilio ecumenico da religião industrial.

Julio Pimentel deveu ao excellente conceito, em que o havia o mais celebrado chimico francez, Dumas, o ser presidente da secção dos opios e tabacos e um dos relatores da 2.ª secção da 2.ª classe. A classe fez-lhe a honra de commetter-lhe o exame dos productos chimicos de Italia, Hespanha e Portugal, e deu-lhe uma prova de muito em que reputava a sua sciencia, conferindo todos os premios, que propoz o chimico portuguez.

Obteve pessoalmente do grande jury uma menção especial pelo fabrico do papel de *Agave americana*. Depois de terminada a exposição o imperador conferio a Julio Pimentel a Legião de Honra.

Em Paris collaborou com Julio Buis n'um trabalho chimico sobre a materia gorda da *mafurra*, planta frequentissima nos dominios portuguezes da Africa oriental, e de que mui vantajosas applicações se podem fazer á industria. Foi o trabalho apresentado á Academia das Sciencias do Instituto imperial de França, e publicado por extracto nos *Comptes Rendus Hebdomadaires*.

Algum tempo depois tambem de sociedade com Julio Buis, offereceu á mesma academia outra memoria sobre a materia gorda das sementes do *brindão*, planta oleaginosa indigena da India portugueza. Nos *Comptes Rendus*, appareceu tambem o extracto d'este novo estudo chimico, egualmente importante pelo lado scientifico e pelas suas applicações industriaes.

Volveu á patria o nosso illustre sabio, com a sua reputação tão solidamente estabelecida quanto justamente conquistada pela mais fervorosa applicação e pelo mais consciencioso estudo.

A camara dos deputados findou pouco depois, por haver expirado o prazo constitucional. Um novo ministerio tomou a direcção dos negocios publicos. É inutil dizer n'este logar que o cidadão illustrado pelo seu verdadeiro patriotismo, o militar ennobrecido pelo sangue derramado na defensão e conquista das liberdades, o professor exemplar e o sabio conhecido honrosamente pelos estranhos, não achou logar em a nova legislatura. Foi de novo candidato por Lisboa. A popularidade dos regedores deu garrote á popularidade de um nome illustre. Não sei, não me lembro já que merceeiro ou mentecapto foi alastrar seu obscuro vulto na cadeira que deixára vaga o eminente professor. Desde então quatro parlamentos successivos tem trazido a lume os eleitos da confiança publica. Em vão se buscaria por entre a selva de bustos insignificantes n'um dia de sessão plena na camara popular a sympathica e nobre physionomia de Julio Pimentel. Miserias d'esta terra, onde o talento é banido da governança.

Tambem foi melhor assim para que não destraissem a Julio Pimentel das suas habituaes e proveitosas lucubrações.

Pelos fins de 1856 celebrou a Academia Real das Sciencias a sua segunda sessão solemne. Haviam-se antes distribuido a alguns de seus academicos os elogios historicos, que deviam escrever para serem publicamente recitados n'aquella festividade litteraria. Coube a Julio Pimentel o elogio de Mousinho de Albuquerque. Era este o seu precursor na renovação, ou antes verdadeira inauguração dos estudos chimicos em Portugal. Foi este o primeiro trabalho litterario de Julio Pimentel, e a Academia se deleitou por alguns minutos os seus ouvidos com os periodos mais artificiosos e sonoros de alguma outra oração encomiastica, admirou na elegante concisão e correcta sobriedade de Julio Pimentel os quilates do verdadeiro narrador e do imparcialissimo juiz. O elogio é de todos os que se tem pronunciado na Academia o que se conchega com mais feliz imitação ao panegyrico dos sabios tal como o soube traçar a varonil praso de Arago e o gracioso estylo de Fontenelle.

Creio que foi por este tempo, exercendo Julio Pinentel a direcção interina da escóla polytechnica, que recebeu como primeira mercê honorifica, depois de tantos annos de assignalados serviços scientificos, a commenda da ordem da Conceição! A Torre e Espada datava da Serra do Pilar. O habito de Aviz tinha-o pelos seus vinte annos de serviço e pelo posto de capitão, a que desde 1847 fôra promovido e ao posto de major graduado, a que subira em 1851. Creio em consciencia que não é Julio Pimentel dos que mais prodigamente estejam debitados no livro mestre das mercês. Quasi ía jurar, porém, que lhe não dá pena a parcimonia das suas dignidades. Eu estive já a ponto de o censurar por haver dado companhia á estrella da Torre e Espada, que tão eloquentemente lhe dizia solitaria na singellesa da sua farda de professor. Associar-lhe ensignias e veneras de outro tempo poder-se-ía comparar á irreverente promiscuidade das genuinas medalhas consulares, com numismas apocryphos das modernas fabricas de Roma.

Associando sempre as investigações puramente scientificas ás utilidades practicas da sciencia moderna, tractou Julio Pimentel de fundar no sitio da Povoa a fabrica de productos chimicos de que é actualmente director. Para levar a effeito este seu pensamento teve de ir de novo a Paris. Em Lille foi obsequiosamente recebido por Kuhlmann, o distincto chimico industrial. Associou-se a Péligot para visitarem juntos os estabelecimentos fabris da Belgica, principalmente as fabricas de vidro, que por commissão especial do governo francez ía Péligot encarregado de estudar.

Voltando a Lisboa, veio Julio Pimentel encontrar a população luctando com uma das mais terriveis epidemias, que a houvessem nunca flagellado. Era a febre amarella. Podia como a grande maioria dos funccionarios e das pessoas accommodadas ter desertado a cidade pestilencial e ter ido buscar longe das tribulações da capital o quieto remanso do egoismo. Não o fez assim. Nomearam-n'o vogal do grande e extraordinario conselho de saude, cujas funcções acceitou generosamente, dando n'esta difficil conjunctura novos documentos da sua coragem e tranquilla serenidade de animo, jámais turbado pelos perigos. Foi n'esta nova commissão um dos mais ardentes propugnadores das medidas hygienicas e das construcções, com que devia assegurar-se a salubridade da capital. Propoz a idéa de um congresso medico, que sob os auspicios da Academia das Sciencias celebrou algumas sessões, ainda quando a epidemia disimava cruelmente a povoação. O congresso, como todas as coisas d'esta terra, perdido logo o fervor da primeira inspiração, bem depressa caíu no esque-

cimento, com o que vieram a acabar tantas esperanças, que a principio se haviam fundado nos seus resultados scientificos.

Vagando a direcção do instituto agricola por morte do conselheiro José Maria Grande, meu antigo mestre e amigo, elegeu o governo a Julio Pimentel para director d'aquelle estabelecimento de ensino, a cujo melhoramento se tem applicado o distincto chimico com toda a boa vontade e diligencia, com que sabe desempenhar as funcções que lhe commettem

Por este tempo, creiu eu, se concluiu a publicação do relatorio de Julio Pimentel sobre as artes chimicas representadas na grande exposição universal; obra escripta em estylo de elegante simplicidade, copiosa de boa doutrina e opulenta de saudaveis advertencias e conselhos aos fabricantes nacionaes.

Foi eleito pela segunda vez vereador da cidade, e elevado á dignidade de presidente da camara municipal. De 1858 a 1860, ajudou a imprimir na edelidade Lisbonense o cunho civilisador, que só poude esperar-se de homens intelligentes, de quem se fie a administração de uma grande capital. Na seguinte vereação o povo de Lisboa, ou antes as duas duzias de eleitores que suppriram a indifferença dos cidadãos, esqueceram o nome do distincto professor, para sentar nas cadeiras curues do municipio não sei que honradas mediocridades, que restituem a governança da cidade ás humildes proporções da veneração n'um concelho rural.

A classe das sciencias mathematicas, phisicas, e naturaes da academia, por muitos annos lhe tem feito a honra de o eleger seu presidente.

Ultimamente acabou o governo de o nomear para a grande commissão encarregada de colligir os productos nacionaes, que hão de ser apresentados na exposição universal de Londres em 1861.

Julio Pimentel reune todas as eminentes qualidades, que constituem o verdadeiro sabio. Como homem particular ninguem póde no seu caracter e no seu procedimento descobrir nem uma d'estas pequenas maculas, para que seja mister invocar a indulgencia da opinião. Como homem de sciencia todos o acham accessivel e modesto, trabalhando incansavelmente e procurando tornar mais popular e prestadia a sciencia, que cultiva. Como escriptor os leitores da *Revista Comtemporanea* o tem já sobejamente conhecido nas paginas, com que tem demonstrado os dotes do seu estylo.

Quando o nome de tantos estadistas ephemeros desapparecça na voragem do esquecimento ao nivel dos seus correios ou dos

seus escribas, o nome de Julio Pimentel será commemorado como uma das glorias do paiz e a justiça da posteridade provará mais uma vez que para a verdadeira reputação tem mais valor os cultores da honra do que os mimosos da fortuna e os favoritos do talento de que os válidos do poder.

J. M. Latino Coelho.

O BEIJO DO DIABO

I

Sobre um leito de purpura, que animam
De côr de oiro e rubi ardentes fogos,
O sol se reclinava. Era o momento
Em que o astro de luz, como saudoso
Das aves e das flores, que abandona
Depois de lhe haver dado vida e côres
O dia inteiro, perde o brilho fulgido,
Impalidece; os raios côr de rosa
Modesto esconde então por entre nuvens,
Para deixar dos montes e dos prados
Castas flores, e limpidos regatos,
Livres mostrarem virginal belleza.
— Os murmurios da terra são mais brandos,
E das aves os cantos mais suaves
N'essa hora melancholica da tarde.
É alegria ou dôr, o que a natura
Sente n'essa hora? Suspirando meiga
Chora ou ri? Canta ou geme? Vive ou morre?
É luto o manto escuro em que se envolve,
Ou segredo d'amor, casto e mimoso?
A natureza é bella. Seus segredos
Não póde penetrar o engenho humano.

II

Do sol o brilhante lume
O puro, o vivo perfume,
Que da terra ao céo se exhala
A virgem, que repousava
Sobre flores, admirava,
Brandamente a suspirar.
A natureza que falla,
O vento que geme ou calla
Pelo bosque, attenta escuta:
— Era uma santa harmonia,
Um hymno, que a Deus se erguia
N'aquelle instante sem par.
A fatal perpetua luta,
Em que atra morte disputa
Sempre á terra a creatura,
N'esse instante suspendida
Estava: que poude a vida
A morte fazer parar.
Do regato que murmura
Á floresta altiva, escura,
Vagam tristes, amorosos
Olhos negros da donzella,
Em que puro se revella
O seu virginal pensar.
Curvos os braços mimosos
Sobre o seio, os graciosos
Cabellos soltos, a fronte
Docemente reclinada,
De brancos jasmins c'roada
Martha estava a meditar.
Ainda que mal disponte
O desejo, e não lhe affronte
Amor o coração casto,
A virgem sente-se triste,
Sente que um segredo existe
Que não póde decifrar
— Pelo horisonte vasto
Se apaga o brilhante rasto
Que o sol deixou. Sobre o monte,
Sobre o valle as sombras correm;
Todos os murmurios morrem.
Já vem a noite a chegar.

III

Já o espirito de Martha
Nas asas dos sonhos vôa
Da terra, em trevas involta
Ao fundo espaço, onde soa
O hymno eterno dos astros.
—A virgem alma já solta
Do corpo virgem, subiu
A mansão celestial:
Ali, esplendida viu,
Bella, grande, virginal,
Como deusa immaculada,
A formosa natureza.
O espaço innunda, infinito,
A luz, em ondas lançada
Por mil estrellas fulgentes
De fantastica belleza.
Soam doces e cadentes
Harmonias, e fluctuam
Em nuvens d'ether ardentes
Castos Anjos d'innocencia.
—Sublime sonho era aquelle,
Em que Martha a pura essencia
Viu do fogo creador,
E cantar ouviu aos anjos
O immaculado amor.

CANTICO

Quando tirou do cáos tenebroso
A terra e céo o verbo creador,
Á materia o espirito amoroso
Se uniu em casto amor.

Formosa então a virgem natureza
Sublime d'innocencia se mostrou:
Esplendida de vida e de belleza
Deus Eterno a creou.

A luz nascente em ondas multicores
Os animados mundos envolveu;
E d'amor os estaticos ardores
N'os mundos accendeu.

Sem macula era tudo; quando o homem
Foi á vida chamado e a reinar.
Os seus dias primeiros se consomem
A louvar Deus e amar.

Esse amor era fogo que abrasava,
Luz que rompia do infinito o véo;
Amor sacro, que ao homem revelava
Os mysterios do céo.

Por outro amor impuro o amor divino
Quiz o homem trocar; e assim caiu,
Por esse amor do seu alto destino.
A innocencia fugiu.

De trevas se cobriu a natureza;
Longo gemido o universo deu:
Perdeu o encanto a virginal belleza.
A dor então nasceu.

Amor casto, amor puro, ainda um dia
Sobre os mundos potente reinarás;
A natureza então pela harmonia
Terá eterna paz.

IV

Era a suprema belleza
A de Martha, adormecida
Sobre flores. A pureza
Das formas se desenhava
Á luz palida da lua,
Que em torno á fronte pulida
Branca aureola formava.
As lindas mãos levantadas
Para o céo, o extasi ardente
Que o bello rosto lhe anima,
Mostram de Martha as sagradas
Aspirações, e que acima
Do pensamento innocente
De sua alma, então se erguia,
N'aquelle sonho pasmoso,
O pensamento ditoso
De uma celeste alegria.

Subitamente extremece
O seio pula agitado,
Como se d'elle quizesse
Arrancar-se o coração.
A virgem impalidece,
Mas n'a face descorada
Logo se accende o rubôr.
Mal segura, incerta, a mão
Parece affastar a custo
Uma visão pavorosa,
Causa de frio terror.
—Passou o tremulo susto;
E da bella adormecida
N'a boca breve e mimosa,
Abriu-se um vago sorriso
De desejo, esp'rança, amor.

V

Fugiu o sonho rapido,
Que a sua alma elevára
Da terra triste e misera
Á região preclara
Da luz, e dos espiritos,
E do celeste amor.
Calou-se o côro harmonico
Dos anjos innocentes;
E pelo espaço ethereo,
D'esses clarões ardentes
Da sancta, eterna gloria,
Morreu o explendôr.
Em vez dos astros fulgidos
Lançando luz celeste
Viu Martha, sempre atonita,
Um vasto monte agreste,
Onde corria impavido
Tremendo temporal.
O negro céo flamifero
Sulcava a luz do raio,
A virgem fraca e morbida
Ao palido desmaio
Cedia já sem animo,
No sonho seu fatal.
D'uma torrente indomita
O aspero bramido
Se ouvia, triste e lugubre:
Horrendo era o gemido

Que o espumante liquido
Soltava sem cessar.
A luz sinistra e pallida
Da lua então cobria
Com manto triste e livido
A natureza fria.
Ao longe, em rochas lobregas,
Bramia o vasto mar.
N'aquelle sonho turbido
Estava a natureza
Severa, rude, funebre,
Envolta na tristeza:
Como se ao cáos gélido
Quizesse emfim voltar.

VI

Depois um raio se accendeu fulgente,
E não mais se apagou no horizonte:
A deslumbrante luz, qual facho ardente
Do vento sacudido, sobre o monte
Convulsa se lançou subitamente.

E no abrasado céo se recortaram
Os pincaros da serra ingreme e dura;
Abismos tenebrosos se rasgaram;
Sobre a base, tremendo mal segura,
As monstruosas rochas oscilaram.

A torrente veloz e caprichosa
Á luz do raio se tornou brilhante,
E saltando da serra alta, escabrosa,
Caiu, formando um iris fulgurante,
N'os abismos em chuva luminosa.

A grande agitação da natureza
Silencio pavoroso acompanhava:
O forte vendaval pela aspereza
Da serra se perdia, e não ousava
Mostrar, rugindo, a lobrega fereza.

O raio sem trovão se suspendia
Em immobil colar ao céo medonho:
Da torrente nenhum rumôr se ouvia.
Era em tudo tremendo aquelle sonho,
Que a pura e bella Martha perseguia.

—E Martha viu d'uma caverna escura
Um mancebo surgir, nobre e formoso;
Sinistra, melancolica a figura,
Severa a fronte altiva: orgulhoso,
No gesto deixa vêr uma alma dura.

Os cabellos são negros, e caidos
Em ondas sobre os hombros: luminosos,
D'ignoto fogo, os olhos, incendidos:
Os finos labios riem desdenhosos,
Com expressão sinistra contraidos.

Um manto côr de fogo lh'envolvia
O corpo vigoroso: de diamantes,
E carbunculos rubros lhe cingia
A fronte uma coroa: por instantes
Sobre elle um vivo fogo se esparzia.

Treme de susto Martha, hirta de espanto
Ao vêr aquella apparição pasmosa!
Sente em sua alma d'infernal encanto
A força dominar misteriosa;
E seus olhos innunda amargo pranto.

—Profundo era o silencio. Lentamente
O fantasma brilhante se approxima
Da donzella assustada. De repente
Manto e coroa arroja para cima
Das rochas negras da montanha ingente.

Lindas flores as rochas infeitaram,
De perfumes se encheu o ar ameno,
E cristallinas fontes rebentaram
Do monte a murmurar, do céo sereno
As tormentosas nuvens se affastaram:

Ao silencio selvatica harmonia
Seguiu-se então n'aquella soledade.
Da viva natureza se esparzia
Um effluvio, que a pura castidade,
Acordando os sentidos, destruia.

Entre susto e prazer Martha se agita:
Chora, ri, teme, espera, odeia, e ama
O fantasma que d'ella, em sonho afflicta,
Se approxima. D'as veias, como em chamma,
O sangue ao coração se precipita.

Fugir não póde já. Quer assustada
Sua alma 'inda volver ao sonho puro,
Os sentidos a prendem. Desolada,
Procura em vão orar: poder obscuro
Aos sentidos a tem agrilhoada

Approxima-se, chega, já lhe toca
O formoso fantasma. Fervoroso
Entre os braços a cinge. Ella suffoca
Delira de prazer: elle amoroso
Em longo beijo aperta a casta bocca.

VII

Em Martha esse beijo
De fogo se torna.
Em chamma o desejo
N'as veias se entorna,
Em ondas de amor.

Qual tunica ardente,
Os membros lh'envolve
Uma aura candente:
E o peito revolve
Ignoto furor.

Já corre perdida
N'a serra deserta,
De amor consumida.
Os eccos desperta
Com gritos de dôr.

Do mal que a devora
Não quer libertar-se;
Esse mal adora,
E quer abrasar-se,
Quer mais beijos ter.

Mas em vão procura
A visão formosa.
Já, na serra escura
Já quer, desditosa,
A virgem morrer.

E foge-lhe a morte:
Activa-se o fogo
A dor é mais forte.
Na torrente logo
Martha se lançou.

N'as ondas involta
No vortice cáe....
Da vida é já solta...
Do mundo já sáe...
— Então accordou.

VIII

Accordou. Assustada a bella Martha,
Toda convulsa ainda, se levanta,
Como a fugir das ondas. Mal desperta
A vertigem lhe abala o pensamento:
E não sabe se é viva, ou se é já morta.

O céo era sereno, e multicores
Innumeras estrellas irradiavam
Suavissima luz: a brisa fresca,
De vividos perfumes impregnada,
Corria sobre as folhas murmurando:
Harmonia divina concertavam
Os sons plangentes, os suspiros meigos
Que insectos, aves, feras, quanto vive,
Seja animal ou planta, em despedida
Á natureza envia, antes que o somno
A terra faça emmudecer de todo

Martha escuta. Na placida, formosa,
Encantadora noite nada encontra
Que ás sonhadas tormentas se assemelhe:
Mas sente em si a tempestade infrene
Da paixão delirante, que a domina:
Sente d'alma fugir-lhe a castidade,
Sente apagar-se a virginal pureza...
E os labios tremem do fatal contacto
Do beijo impuro...

— Sons d'alegre festa
Ao longe se ouvem. Risos e clamores,
E canticos d'orgia se alevantam,
Do socegado campo interrompendo
O mysterioso, placido remanso.

Assim como a formosa borboleta
Á mortifera luz vôa, atraida
Pelo brilho enganoso, e se consome
Na chamma que a seduz, tal Martha corre

Aos mundanos prazeres. Castidade,
Pureza e formosura, tudo perde.
Mas o fogo accendido pelo beijo,
Esse fogo infernal, jámais se extingue.

As timidas donzellas, assustadas
De Martha ao verem o fatal delirio,
Escondem-se a tremer; e fervorosas
Erguem preces ao céo, misericordia
Com dor pedindo para a virgem louca.

7 de julho de 1861.

SOPHIA DA SOLEDADE.

FR. FRANCISCO DE MONTE-ALVERNE

Noticia biographica principiada a pag. 392 e seguida a pag. 471 e 328 do tomo precedente

(Conclusão)

avia detractores, e havia enthusiastas de Monte Alverne; os enthusiastas, numerosos e crescentes; mas os detractores, com serem poucos em numero, e condemnados a decrescerem e a extinguirem-se, importunos e acerrimos; é em toda a parte a historia constante dos talentos que predominam;

Urit enim fulgore suo, qui prægravat artes
Infra se positas; extinctus amabitur idem.

Bem pintou Voltaire a natureza humana, quando de si confessou: *os que me louvam parecem-me pigmeus, gigantes os que me invectivam.*

Aos encomios occorrem promptas as suspeições: tantas e tão diversas causas os podem originar! a cortezia, a dependencia, a esperança da reciprocidade, o amor á paz, a generosidade, a ca-

ridade, e emfim a inhabilidade mesma para criticar. Mas o detractor, que nada lucra pessoalmente com a detracção, apresenta-se á phantasia como um juiz rigoroso que emmudeceu o coração para deixar fallar a justiça; que, por isso mesmo que ousa desamar, deve ser o interprete da verdade, e cujas sentenças têem de ser confirmadas pelos vindoiros imparciaes.

Accresce para mal, que as vozes, que poderiam animar no trabalho ao homem muitas vezes duvidoso de suas forças, são pelo commum quasi tacitas; não acordam echos; ao mesmo passo que os pregões da deshonra se lhe multiplicam em roda; lhe enchem os ouvidos, para que nada mais perceba; abalam-lhe dentro a uma e uma todas as suas convicções animadoras, e momentos ha, em que delirado o levam quasi a desprezar-se e a abhorrecer-se.

Era esta, se me não engano, a situação moral d'este nosso Samsão religioso; religioso sem duvida, mas homem tambem; e por isso com as pequenezes juntas ás grandezas, e as excellencias ás pusillanimidades.

Quem tivesse animo para se imaginar, meia hora que fosse, no logar e com todas as condições e circumstancias d'elle, bateria o peito com a pedra que houvesse tomado para o apedrejar. Renunciou tudo pelos deleites do espirito; envelheceu na penitencia, no estudo, na meditação, para honra da ordem e gloria de Deus; lançou do alto do seu ermo para os quatro ventos com as suas palavras de fogo os seus pensamentos magnificos, os seus affectos generosos; cegou; emmudeceu; ficou pasmado no seu cubiculo, sobranceiro aos sussurros da cidade sem os entender, em face do Oceano, e debaixo do céo, os dois grandes espelhos em que a sua alma ha pouco se mirava e se media, sem que já o firmamento o console com soes e estrellas, nem os mares lhe dêem a ler na sua pagina esplendida de azul e oiro a vastidão do globo, por onde o nome de um homem pode ser diffundido pela fama. Por traz d'elle, e a recuar, e a decrescer.... um loiro, ou o espectro de um loiro; em derredor, zumbidos e ferroadas de insectos venenosos; para diante, a escuridão, e nenhum caminho; debaixo dos pés, a sepultura, e sem epitaphio. É dos lances em que, se não sobrevivesse a tudo acceza a fé santa e robusta, que lhe prendeu na cinta a mortalha com a corda, pouco admiraria que indignado a deslaçasse d'ali, a cingisse ao collo, a suspendesse ao alto da grade negra e muda, e se precipitasse tremendo na eternidade, com a phrase de Job no extertor: «*paululum melis gustavi, et ecce morior.*»

Fallando d'este pezado e longo prazo da sua existencia, diz

um engenho seu conterraneo: «Quando o viam cego e curvado, «caminhando pela mão de um conductor amigo, os velhos o «mostravam com orgulho, ostentando os prodigios do seu tem- «po; o povo apontava para elle, e dizia: — é o sabio! e a moci- «dade das academias, a mocidade estudiosa, os professores que «tinham sido seus discipulos, os homens de lettras emfim, des- «cobriam-se instinctivamente diante d'elle, e diziam: — é o mes- «tre!»

É verdade; mas elle não o sabia. Menos ditoso que os phantasmas do Elysio virgiliano, nem essas vanglorias, essas vãs sombras de gloria (para lhes acertarmos o nome) lhe era dado presenciar. Eram para elle como se não foram; eram como póde ser a ardentia que a nau deixa por minutos no esteiro, para o piloto que adormeceu com a cabeça cançada sobre a canna do leme, e vai talvez sonhando, que o engole o mar.

Do desejo de luctar, lucta suprema e decisiva depois de tantas, contra o esquecimento, limbo, e inferno terrestre das almas nobres, é que nasceu a resolução, para o seu caso muito heroica, de reunir e publicar as suas obras oratorias; e porque no seu já citado discurso preliminar se nos depara um authentico testimunho, que não faz pouco ao nosso intento, ao gosto nos entregamos de o escutarmos novamente.

«Eu não tinha vista: era por tanto necessario um collaborador «que dotado d'uma certa capacidade, e reunindo alguma habili- «tação, pudesse prestar-me o auxilio, de que eu não podia pres- «cindir. Era mister um homem, que, votando-se a um serviço «obscuro, me consagrasse seu tempo e suas commodidades. Não «era certamente um sabio, de que eu tinha necessidade; eu es- «tava na resolução firme, e inabalavel de não repartir com ou- «tro a minha gloria, nem aproveitar-me de alguma circumstan- «cia, para fazer caír sobre quem quer que fosse os defeitos dos «meus escriptos: convinha-me um amigo, e não um mestre.

«Era no claustro, para onde entrára na idade de 16 annos, que «eu devia encontrar a pessoa, de que carecia. Era entre aquel- «les, que luctaram comigo na mesma arena, que sem odio, sem «pretenções, e sem animosidade trabalharam para cobrir de no- «vos loiros a corporação, nossa mãe commum, que eu deveria «obter os olhos, e as mãos, que me faltavam. Meus amigos tinham «morrido. Eu era como o cego Ossian, sentado sobre as cinzas do «rei de Morven; para qualquer lado, que estendia os braços, to- «cava os ossos de meus companheiros d'armas. O silencio dos «tumulos me cercava; a deserção avultava progressivamente; e «para cumulo de desventuras, as trevas mais espessas envolviam

«este bello céo, onde tinham fulgurado tantos soes, e tão radian-
«tes estrellas. Diversas tentativas foram empregadas para aplanar
«as difficuldades, que a cada instante se reproduziam: tudo quan-
«to é capaz de estimular a mais fria indifferença, e animar as
«aspirações do interesse foi em vão prodigalisado... ¿Propheta,
«dizia o Senhor a Ezequiel, vês esta multidão d'ossos, com que
«alvejam estes campos: é a casa de Israel. Falla a esses ossos
«resequidos; reveste-os de nervos, e carne; e reanima esses au-
«tomatos com o espirito de vida... Oh! este typo eloquente, e
«magnifico só deverá verificar-se no dia da grande manifestação!

«Depois de inuteis esforços, e quando toda a esperança de rea-
«lisar o meu projecto estava extincta no meu coração; Deos sus-
«citou no Reverendo Padre João Diniz da Silva, o homem, que
«me convinha; era um amigo; eu tinha conquistado este bello
«titulo depois de muitos annos: é á sua amisade, á sua cons-
«tancia, e á sua dedicação, que eu devo a publicação dos meus
«sermões. Pois que elle teve tão grande parte na execução d'um
«empenho tão affincado, receba tambem o tributo de louvor,
«que justamente lhe cabe.»

Dezoito annos havia que Monte Alverne agonisava entre os seus autores mudos, mudo como elles; dezoito annos de inercia depois das suas ultimas victorias; dezoito annos de invisivel para um mundo versatil e esquecidiço, que se vinga de ter acclamado, olvidando depressa. O seu monumento litterario achava-se levantado. Os annos de vida, que o religioso contava, eram nada menos de setenta.

Bate-se á porta da cella! É uma embaixada do throno ao pó? não: é um convite de uma magestade a outra magestade; é o Imperador D. Pedro II, que para a festa do seu patrono S. Pedro de Alcantara manda rogar o frade Monte Alverne como orador. A côrte, a cidade, e o chefe do imperio, desejam experimentar os poderes d'aquella eloquencia d'outr'ora, de que tão notaveis triumphos se referem. Debalde pretende o morto eximir-se á ressurreição; a dextra de um Imperador sabio e portanto amigo, o obriga e o ajuda a levantar-se; sacode do habito a poeira de dezoito annos; empunha o bordão, encaminha-se para o pulpito. Que nol-o mostre agora uma testimunha presencial, o sr. Porto-Alegre, pintor brasileiro tão distincto com a palavra, como com a palheta.

«Um numeroso e intelligente auditorio se premava em todo o
«ambito da Capella Imperial; uma côrte luzida pautava as alas
«do templo; os corredores, as escadas, e todo o adro externo se
«povoavam de espectadores desinsoffridos, de homens, de mulhe-

«res, que vinham assistir a essa resurreição, a essa nova vida da «palavra sagrada! Os velhos choravam, e como que remoçavam «aos assaltos de suas reminiscencias, e os moços tambem choravam «á vista d'aquelle sublime representante de tantas glorias, d'a- «quelle antigo proprietario de tantas ovações, e do apparecimento «de um homem cujo nome vagava entre nós como a sombra de «um gigante.

«Parecia que tantos annos de soffrimento, de morte social, e «de... perseguições atrozes, por aquelles mesmos que o deviam «sagrar como o laurel prestigioso da sua ordem, como o repre- «sentante de tantas glorias e de um passado edificante, o deve- «riam vergar, e fraquear atravez d'essa vida cahotica e silencio- «sa, d'essa ausencia dos livros, e sobretudo do laboratorio das «idéas; porém a sua naturesa privilegiada, a sua grande indivi- «dualidade, rutilaram atravez da noite em que vivia; e o homem «do passado, conculcando a concha da balança do tempo, venceu «os annos, as molestias e as dôres, e rehouve em uma hora de- «zoito annos de silencio e de retiro.

«Pulpito, templo e elle formavam uma só massa, uma só fi- «gura, um gigante, que elevado a uma esphera superior, domi- «nando todas as intelligencias que o escutavam, parecia despren- «der dos seus labios uma aurora de harmonias, um lume ainda «não admirado. A geração que o escutava, na immobilidade de «sua admiração, como que se achava anniquilada diante d'aquellas «proporções gigantescas, d'aquella voz radiante, exhumada da «obscuridade do claustro, e offerecida ao sol da intelligencia como «um primor de Phidias recuperado, como outr'ora Laocoon diante «do qual a multidão de artistas do seculo de Leão X parecia des- «animada!

«D'onde veiu, pois, este homem que com sua palavra sómente «nos amesquinha, nos atrophia e nos faz ser uma familia de py- «gméus? Onde foi elle buscar o segredo de tantos prodigios? Em «si mesmo, na fonte inesgotavel da inspiração, na força da sua «fé, na pratica de suas virtudes!

«O seu gesto era a estatua do pensamento que o animava, as «suas mãos fallavam e escreviam, a sua voz concutia em todos «os corações!

«¿E porque este homem extraordinario, esta força civilisadora, «esta palavra viva, este cego acenava com tanto acerto, com tanta «propriedade, com tanta graça, com tanta firmeza, como se a «luz lhe abrisse o grande scenario que o rodeava, e o fizesse sa- «borear os loiros d'essa nova conquista? ¿Porque nas alturas a «que se elevára ninguem o viu vacillar, titubiar, e antes con-

«culcar o chão do pulpito com aquella firmeza do sagitario, com «a destreza do gladiador e com o denodo do athleta?

«Porque elle via com os olhos de Homero.»

Peza-vos, como a mim me peza, não terdes podido escutar esse discurso, que no mesmo logar e na mesma hora em que nasceu expirou? Attendei pois; pennas ávidas, emboscadas nos recantos do templo, lograram salvar do total esquecimento, e transmittir-nos, em morte côr, alguns d'esses trechos, que fizeram pela primeira vez eccoar com applausos as abobadas venerandas de um sanctuario. Oúvi; ouvi; está no exordio:

«Não, não poderei terminar o quadro que acabei de bosque-«jar: compellido por uma força irresistivel a encetar de novo a «carreira que percorri 26 annos, quando a imaginação está ex-«tincta, quando a robustez da intelligencia está enfraquecida por «tantos esforços, quando não vejo as galas do sanctuario e eu «mesmo pareço estranho áquelles que me escutam, como desem-«penhar esse passado tão fertil de reminiscencias? como repro-«duzir esses transportes, esse enlevo, com que realcei as festas da «religião e da patria?.... *É tarde!... É muito tarde!* Seria impos-«sivel reconhecer um carro de triumpho 'neste pulpito, que ha «18 annos é para mim um pensamento sinistro, uma recordação «afflictiva, um phantasma infenso e importuno, a pyra em que «ardêram meus olhos, e cujos degráus desci só e silencioso para «esconder-me no retiro do claustro. Os bardos do Thabor, os «cantores do Hermon e do Sinai, batidos da tribulação, devora-«dos dos pezares, não ouvindo mais os eccos repetirem as stro-«phes de seus cantos nas quebradas de suas montanhas pittores-«cas, não escutando a voz do deserto que levava ao longe a me-«lodia de seus hymnos, penduraram seus alaúdes nos salgueiros «que bordavam o rio da escravidão; e quando os homens que «apreciavam suas composições, quando aquelles que se deleita-«vam com os perfumes de seu estylo e a bellesa de suas ima-«gens, vinham pedir-lhes a repetição d'essas epopeas em que per-«petuavam as memorias de seus antepassados, e as maravilhas «do Todo-Poderoso, elles cobriam suas faces humedecidas de «pranto e abandonavam as cordas frouxas e desafinadas de seus «instrumentos musicos ao vento das tempestades.

«Religião divina, mysteriosa e encantadora! Tu que dirigiste «meus passos na vareda escabrosa da eloquencia, tu a quem «devo todas as minhas inspirações, tu, minha estrella, minha «consolação, meu unico refugio, toma esta corôa.... Se dos espi-«nhos que a cercam rebentar alguma flôr; se das silvas que a «enlaçam reverdecerem algumas folhas; se um enfeite, se um

«adorno renascer d'estas vergonteas já seccas; deposita-o nas «mãos do Imperador, para que o suspenda como um tropheu «sobre o altar do grande homem a quem elle deve seu nome, e «o Brazil a mais decidida protecção.»

.....

Pintou pelo natural a vida do heroe do Evangelho; amentou os serviços tributados ao mundo pelo claustro; descreveu magnifico a abdicação de Carlos v; vae descrever como remate os ultimos momentos de Pedro de Alcantara.

.....

«O lidador (diz elle) tinha já dobrado a meta do estadio que «levára de vencida. Exhausto de forças cahiu sobre montões de «palmas e grinaldas, que merecêra por sua perseverança. Pedro «de Alcantara está rodeado por seus irmãos que o observam, «choram e admiram. O pobre de Jesu Christo despe o habito e «pede outro mais velho em que se envolva depois de morto. O «superior olha em torno de si, e não encontrando quem ostente «igual desprezo, veste a reliquia inestimavel, e lhe dá em troco «a sua tunica. O corpo do penitente assemelha-se ás raizes re- «sequidas, sua pelle está denegrida e queimada com o fogo da «mortificação. O frio da morte agita seus membros lúridos e des- «carnados. Um moço religioso approxima-se, e intenta estender «sobre elle um lençol: retira-te, grita o lidador: ainda ha pe- «rigo, o inimigo está em presença, ainda não cessou o combate! «O Justo imprime os seus labios no signal adoravel da redem- «pção.... Pedro de Alcantara subiu ao throno de Deus.»

«Quem» — exclama por esta occasião o sr. Thomaz Alves Junior [1] — «Quem, depois de estar desoito annos cego, escreve um panegy- «rico como o de S. Pedro de Alcantara, quem subindo á tribuna «sagrada, abatido de forças e soffrimentos, acabrunhado pelo «peso de setenta annos, repete essa sua producção com a ener- «gia e força dos vinte annos, quem faz acompanhar essa recita- «ção de um accionado magestoso e grave, do qual nem memo- «ria havia, esse será com toda a justiça reconhecido pelos con- «temporaneos como o principe dos oradores sagrados.»

No anno seguinte (1855) a 4 de outubro, dia da festa de S. Francisco de Assis, o fundador da Ordem Seraphica, e de quem já vimos como o nosso Frei Francisco tomára por appellido o nome de Monte-Alverne, vieram ao convento assistir á solemnidade religiosa Suas Magestades: O Imperador e a Imperatriz; era a oc-

[1] *Galeria dos Brasileiros Illustres*, pag. 83.

casião de pagarem com uma visita sua ao sabio, alto brazão do seu Imperio, as muitas que d'elle haviam recebido.

Esta scena, honrosa para todos os tres, devia-a ter o pincel perpetuado; e á fé, que havia ahi com que se inspirar! uma princeza, toda suavidade e virtude; um principe, todo virtude e talento; um frade, todo talento, religião e magestade!

Aquelle Imperador é assim. Liberal por herança, educação e philosophia; Chefe de um Estado immenso a medrar de dia para dia em torno do seu sceptro abençoado, sabe tão bem como o seculo, cujo se preza de ser filho, que nenhum modo lhe resta para crescer senão esquecer-se entre os sabios de que nasceu grande, fortalecer-se nas justas e torneios da intelligencia, e ao diadema, que a fortuna lhe lançou no berço, entrelaçar as corôas que se conquistam pelo estudo. O sceptro seria para elle um onus, se não fosse um instrumento possante de felicitação para tantos povos; empunha-o por dever; mas o que á farta lhe liberalisa delicias, é a penna. Estadista serio e profundo na sala do conselho, dá sem pesar quantas horas são mister aos interesses publicos; mas as restantes, as do repouso, parte das do somno talvez, entre dois amores as reparte, entre duas familias qual a qual mais sua: uma esposa e filhas, que ainda nascidas na mais obscura choupana seriam adoraveis, e o congresso dos grandes homens de todas as idades, com quem conversa em suas proprias linguas, no remanso da sua inspirativa bibliotheca. É ali que elle folga de receber os seus pares nos trabalhos do espirito; ali falla com cada um segundo a naturesa das suas actuaes applicações; e sempre tão prestes, tão noticioso, tão exacto nos juizos, como se nunca outro houvera sido o emprego das suas lucubrações. Quasi sempre, e em tudo, a verdade, em que a final se concorda, era a que elle aventára no primeiro relance. Ama o debate, como pedra em que o entendimento afia as suas armas; quer e mantem, livre, liberrima a controversia. Ninguem então se lembra do Imperador, lembram-se todos de Cicero, *disposto sempre a refutar sem pertinacia e a ser refutado sem agastamento.*

Era 'nessa bibliotheca, transumpto e recordação da do Appollo Palatino, fundada e cheia por outro Cesar, não menos fautor das lettras, porém menos liberal sem duvida, era ali, que reiterados convites seus haviam feito muitas vezes comparecer o varão, a quem agora se gloriava de visitar 'num cubiculo apertado, sala, aposento, livraria, officina, onde tantos diamantes de vulto se haviam lapidado para a Corôa litteraria do seu Imperio.

Um presente, digno de quem o dava e de quem o recebia, assignalou a estada de D. Pedro II no quarto de Frei Francisco de Monte-Alverne: foi a cadeira que o soberano possuia do grande Anchieta; reliquia historica do valor de um throno.

Se o sermão de S. Pedro foi o derradeiro relampago solar da tarda e profunda noite do solitario, nem por isso deixaram de notar-se no restante d'ella alguns formosos lampejos do antigo genio, que, a terem sido unicos, ou chegado primeiros, lhe houveram per si creado reputação. Eram as vascas do talento na agonia.

Quando no principio de julho eu parti do Rio de Janeiro para a Europa, ficava elle para prégar a 15 do mez seguinte na capella imperial na festa da Senhora da Gloria; era empenho do seu amigo o Imperador. Foi necessaria toda a força das saudades que me chamavam á patria, para eu resistir á cubiça de escutar no pulpito a voz dominadora de que tantos prodigios se me encareciam. Expressei-lhe este meu vivo pesar na penultima visita que lhe fiz de despedida.

«O poeta pretende ouvir o fabuloso canto do cisne — me respondeu elle no seu estylo sempre enfeitado — folgo de o satisfazer; e já, e aqui mesmo, onde não ha eccos chocalheiros. Um homem que me escuta como perfeito amigo, valle para mim um auditorio numeroso.

«Quando eu subir por esta ultima vez ao pulpito, já o meu viajante se achará bem longe, na grande cidade do seu Tejo, salvo, e descançado entre os seus penates; recorde-se então do velho Entello, constrangido pelas instancias do seu monarcha a exercitar-se 'num derradeiro conflicto:

.....*hic victor cestus artemque repono.*

«Vou preludiar aqui a esse panegirico, onde o nome de *gloria* me inspira hoje mais sustos que enthusiasmo. A imaginação, está abatida; o pensamento, debilitado; a voz, decadente; a memoria, lassa e infiel. Sobrevivi-me.

«Promettei-me que antes da partida a ninguem revellareis que obtivestes de mim a declamação d'este discurso. Quem sabe até em que este se parecerá com o d'esse dia! Nunca decorei palavras; agora muito menos. Acceito as que a hora me traz; as que as circumstancias me liberalisam; as que me inspira o auditorio, que a final não actua, não domina menos sobre mim, do que eu sobre elle.»

Apoz este exordio externo, levantou-se; concentrou um momento o seu espirito; transfigurou-se! Eu pude com effeito pre-

senciar a caudalosa impetuosidade da sua facundia; d'essa facundia que, se era bem exacto o que elle me acabava de dizer, de sobra tinha com que insoberbecer-me.

Presagiei-lhe um triumpho. Vaidade das vaidades! Que póde um homem 'neste mundo presagiar!? Um inimigo fatal, occulto d'entro 'nelle, protestava contra o prognostico, sem que um ou outro o percebessemos, ou lhe suspeitassemos a emboscada.

A 11 do proximo setembro me escrevia d'aquella, para esta cidade meu irmão José Feliciano:

«Dez ou doze dias depois da tua partida, foi o nosso Monte-Alverne salteado d'uma paralisia. Recolhia-se de passeiar, como tinha de uso; á portaria do Convento sente na calva quente um ar frio; cáe, com aspecto demudado, a bocca á banda, sem falla. Suppoz-se morreria apopletico. Accudiram de toda a parte, chamados e não chamados, os melhores medicos; salvou-se! Ainda foi com effeito recitar o seu sermão á *Gloria*; mas quão outro de si mesmo! a mim e a todos consternou o vel-o e ouvil-o. Quem diria que era aquelle o orador de S. Pedro na capella imperial!

«Poderias gabar-te, se o caso fosse para isso, de que o sermão da *Gloria* só tu lh'o ouviste.»

Não se conclua porém d'esta sentença de tão competente e insuspeito juiz, que esse panegirico fosse destituido de todo o merito. Saíu á luz, e não refoge d'ella envergonhado. É decadencia... mas decadencia de Monte-Alverne; como a Odysséa era velhice e somnolencia... mas velhice e somnolencia do cantor d'Achilles.

A terrivel enfermidade, tão commum nos que abusam do trabalho mental, a paralisia, que aos voluptuarios do espirito, como aos da materia, tantas vezes duplica a morte antecipando-a, que se impõe: a estes, como castigo da sua vileza; áquelles, como *memento* de suas ambições; este abutre de Prometheu, este supplicio de Tantalo, esta condemnação de Ixion, a paralisia, figura-se ás vezes piedosa; é quando fulmina o entendimento, como a apoplexia fulmina a vida; então a victima é chorada pelos outros, mas não por si mesma. A paralisia não ousou quebrar em Fr. Francisco de Monte-Alverne, como o fizera no nosso P.e Manoel Bernardes, o maravilhoso orgão material com que a divina hospeda estuda, combina, apura as manifestações explendidas do seu ser, os hymnos da sua propria gloria.

O corpo do solitario havia sido tocado, como na lucta com o anjo o fôra o de Jacob; mas o seu espirito transpoz illeso esse passo tenebroso. Vou proval-o.

Aqui, sendo conveniente para o nosso empenho apresentar do-

cumentos, e consistindo os que eu possuo em cartas entre mim e o grande homem, peço perdão de as reproduzir textualmente dos jornaes brasileiros, que 'nesse tempo as estamparam, as discutiram, e, pelo que tóca a mim, as coroáram com tão excessiva benevolencia, que ainda agora me dura a confusão, e me ha de sempre durar o agradecimento. Se estes escriptos não houveram já, e a meu pesar, saído da obscuridade, com que eu contava ao escrevel-os, á fé que não seria eu quem d'ella os arrancasse; mas, uma vez que esse pudor se violou, reapareçam muito embora quaes nasceram; assim fossem tão veridicos, tão insuspeitos, não digo de lisonja, mas de parcialidade, os pregões que de mim lança o enthusiasta religioso, como os que eu em devida homenagem lhe tributo.

Outra rasão me assiste ainda e mais ponderosa para se reestamparem estas conversações particulares e confidenciaes de dois amigos ausentes, solitarios, e um já agora morto: ha 'nellas por ventura pontos de doutrina litteraria, mais suscitados que discutidos, e que, se em fim levantarem discussão nos que os podem esclarecer, algum beneficio real carearão aos cultores da nossa lingua e litteratura, áquem e além mar.

Carta a Frei Francisco de Monte-Alverne.

«Illustrissimo e Reverendissimo Senhor Padre-mestre Frei Francisco «de Monte-Alverne. — Ainda me estou deliciando, meu caro e excel- «lente amigo, com os abraços tão d'alma, com as expressões tão do «coração com que Vossa Reverendissima no nosso apartamento me car- «regou de saudades e gratidão para toda a vida. Viajantes sempre «teem muito que narrar; e viajantes europeus, que uma vez saudaram «essas magnificas regiões, não teem só muitissimo que narrar; hão-de «poetar ainda que o não queiram. Quanto a mim, a mais interessante, «a mais poetica de quantas noticias eu trouxe do Brazil, e me ufano «de espalhar aqui, é ter conhecido a Vossa Reverendissima, ter aper- «tado essa mão que tão ricamente dotou a lingua e litteratura commum «dos nossos dois paizes, ter ouvido essa bella e nobre voz doutrinado- «ra de povos, e para comigo dispensadora de mimos e extremos de «benevolencia. Os litteratos que me escutam quando lhes eu retrato o «Cicero christão e americano, invejam-me com razão, e muito mais «quando lhes eu dou a lêr algum destes oitenta discursos que, repar- «tidos, dariam com que fundar oitenta famas de oradores. Lamentam «elles que Vossa Reverendissima haja dado ao pulpito a sua ultima «despedida com o sermão da Gloria: eu não; esse monumento de Vossa «Reverendissima está completo e coroado como cumpria ao mesmo

«tempo que a actividade, a fecundidade sempre juvenil de Vossa Re-«verendissima póde junto d'elle erigir outro e outros não menos valio-«sos. Vossa Reverendissima não é d'esses homens que, em sabendo, ou «presumindo, haverem conquistado a celebridade, adormecem, á som-«bra dos seus loiros verdadeiros ou imaginarios. As almas eleitas co-«mo a de Vossa Reverendissima teem por divisa o verso que Lucano «applicava a Cesar

Nil actum reputans, si quid superesset agendum.

«Que de obras se não devem achar em começo, em esboço, ou em «projecto, entre os papeis de Vossa Reverendissima! Quantas de incal-«culavel utilidade para essa e esta nação, não póde ainda Vossa Reve-«rendissima executar de novo?!

«Uma ousarei eu lembrar, pedir, supplicar a Vossa Reverendissima: «é um tratado de eloquencia.

..... *tractent fabrilia fabri.*

«Ensine o officio quem 'nelle prima. O Monte-Alverne forense e pa-«gão, Cicero, escrevia os seus livros de rhetorica. Quintiliano insti-«tuia oradores, sendo-o elle mesmo. Plinio e Tacito, seus discipulos, «imitavam-no, e a Tacito não faz injuria quem lhe attribue o dialogo «sobre a corrupção da eloquencia.

«Fénélon professou a oratoria sacra, e dissertou sobre ella. O car-«deal Maury, para não citar dezenas de exemplos que Vossa Reveren-«dissima conhece melhor do que eu, o cardeal Maury, prégador de tão «subidos quilates, publicou, sob o modesto titulo de *Eloquencia do pul-«pito*, uma verdadeira arte de fallar e escrever em todos os generos.

«Porque rasão supplico eu a Vossa Reverendissima se encarregue «d'este assumpto nomeadamente, havendo tantos outros de moral, de «historia, de philosophia, e até de politica merecedores e talvez credo-«res das lucubrações de um homem de saber e genio? Dil-o-hei fran-«camente: é porque entendo que lá e cá a eloquencia, como a poesia, «está quasi perdida; é um fructo que se corrompeu antes de amadure-«cido. O natural, o bello simples dos seculos que o senso commum do «genero humano canonisou, e ainda hoje adora por classicos, figura-se «agora a esta mocidade não sem talento, mas sem doutrina, sem estudo «e sem disciplina, uma pobreza e uma impotencia: impotencia de Vir-«gilio! pobresa de Racine! não querem senão funambulismos e sal-«tos mortaes na litteratura; prestidigitações e fogos de vistas na elo-«quencia; é já o gongorismo e o marinismo: d'aqui a pouco, se isto «continua, achar-nos-hemos em pleno seculo de Dom João Quinto, e

«a prosa do Conde da Ericeira e os versos de Jeronymo Bahia, e de «todos esses engenhosos tontos da Phenix renascida, terão achado entre «nós quem os desbanque.

«'Nesta anarchia assoladora de monumentos, esteril de si, e que tão «gravemente arrisca o futuro, é mister que um homem do peso e «credito de Vossa Reverendissima se levante e pregue os impresscri- «ptiveis direitos da razão humana. Se eu estivesse aqui escrevendo «para o publico ou para esta plebe de litteratos a que alludo, que de- «ploro, e que não sabe latim, nem sequer portuguez, não citaria «aquella comparação da Eneida no primeiro livro, que encerra em pou- «cos versos o estado deploravel da litteratura entre as mãos d'estes «sycofantas, e o muito que, segundo entendo, Vossa Reverendissima «póde contribuir com o preceito, depois do exemplo, para se ella rege- «nerar:

«*Ac, veluti magno in populo quum saepe coorta est*
«*Seditio, saevitque animis ignobile volgus;*
«*Jamque faces et saxa volant; furor arma ministrat;*
«*Tum pietate gravem ac meritis si forte virum quem*
«*Conspexere, silent, adrectisque auribus adstant;*
«*Ille regit dictis animos, et pectora mulcet.*

«Sou, de Vossa Reverendissima o mais sincero admirador, perfeito «amigo, respeitoso discipulo e obrigadissimo servo,

«*A. F. de Castilho.*

«Lisboa, vinte e cinco de agosto de mil oitocentos e cincoenta e cinco.

«—Hoje — (me escrevia a 18 de outubro meu irmão.) — «Hoje aqui esteve Monte-Alverne, a quem entreguei e li a tua carta; depois da leitura, beijou-a, dizendo que a tua recordação era sempre para elle muito grata.

«O homem jaz 'numa melancolia horrivel, porque o seu de- ploravel estado se agravou com a quasi completa surdez, o que, além de outros desagrados, lhe traz o de affastar-lhe os interlocu- tores. Dá parte de morto: não só não emprehende a obra que lhe aconselhas, mas nem póde terminar outras que tinha adianta- das, especialmente um tratado de philosophia.....

«É curioso ouvil-o fallar dos frades; exalta a instituição, mas argue e fulmina os individuos; attribue a estes a destruição que elle já dá por inevitavel das ordens monasticas. É notavel a vi- vacidade de espirito que ainda 'nellé sobrevive a tantos contra- tempos.»

E era assim. A sua resposta á minha precedente carta, confirma a verdade da observação.

Peço outra vez perdão a todos os meus leitores de me não ter atrevido a decotar hyperboles com que o seu enthusiasmo presumiu divinisar-me, e, bem lançadas as contas, me envergonhou. Vá intacto o escripto já que a morte do escriptor m'o tornou sagrado e inviolavel. E de mais, em o reestampar eu, eu que assaz e de sobra me conheço, antes descubro humildade que jactancia.

Resposta de Frei Francisco de Monte Alverne.

«—Meu adoravel amigo. — Sustento nas minhas mãos, chego aos «meus lábios, aperto ao meu peito essa carta que me escrevestes «em data de vinte e cinco de agosto, e onde imprimistes os caracteres «indestructiveis da vossa intelligencia, da profundidade dos vossos co- «nhecimentos, e, o que é mais, da elevação da vossa alma, e da vossa «reconhecida generosidade. Oh! bem se diz que o estylo é tudo, e que «o homem pode ser conhecido até pelos traços da sua lettra; para mim «não, que vos conheci pessoalmente, e posso dar testimunho do que «sois e do que valeis, porque vos ouvi, porque repousei a minha ca- «beça no vosso coração, e senti o ardor da juventude e o fervor do «genio que borbulha em vossa alma. É mister confessar que a vossa «presença e os poucos, mas inapreciaveis momentos, em que communi- «quei comvosco, despertaram-me sentimentos tão ineffaveis, que talvez «nenhum homem ousou ainda exprimir. É que vós abrangeis qualida- «des que é difficil reunir: o profundo saber, e a modestia; a superiori- «dade, e a tolerancia; sois um litterato eminente, mas não esqueceis o «homem. Quizéra viver junto de vós, e renovar no fogo que vos ani- «ma, esta luz que amortece, que se extingue na escuridão em que vivo, «no silencio e no abandono que me cerca de toda a parte. Já não sou «hoje aquelle mesmo que presenciastes ha seis mezes. Os esforços lit- «terarios que imprudentemente emprehendi, o empenho com que me «consagrei para corresponder á opinião que se formava de mim, re- «unidos ao estado vacillante da minha saude, provocaram um d'estes «ataques mortiferos, dos quaes, ou não se escapa, ou é forçoso soffrer «longo tempo as horriveis consequencias; se vós me tivesseis visto «agora, se tivesseis observado a morosidade das minhas reflexões, a «tibieza das minhas idéas, e a fraqueza da minha voz, serieis forçado «a exclamar — *Quantum mutatus ab illo!* Não vos enganastes quando «tivestes a bondade de applicar-me o que em objectos differentes Lu- «cano affirmava de Cesar. O espirito não envelhece, é verdade; para «proval-o ahi está o sermão de Nossa Senhora da Gloria; ¿mas como «vencer o esgotamento do cerebro, e esperar a reacção dos orgãos que-

«brados pela energia da vontade, e extenuados com a fadiga? Somos «incontestavelmente uma intelligencia servida por orgãos, como sabia- «mente foi definido o homem pelo barão de Bouald. Seria impossivel, «por agora, empenhar-me em algum trabalho.

«Sem duvida tenho entre os meus papeis alguns esboços litterarios «um pouco adiantados, mas que é impossivel completar, porque me «fallecem as mãos e os olhos, e não oiço em volta de mim quem, pa- «rodiando o verso dezoito do capitulo segundo do Genesis, reproduza o «famoso — *Faciamus ei adjutorium simile sibi.* O trabalho de que vos «fallo é um Curso de Philosophia Elementar para uso das nossas es- «colas, e da qual tanto carecem os nossos modernos gongoristas, e os «nossos insolentes marinistas. Acreditai-me, não é um tratado de elo- «quencia de que necessitam os corruptores da linguagem do pulpito e «os plebeus da nossa actual litteratura; elles carecem de instruir-se nos «primeiros elementos da arte de pensar; necessitam conhecer a theo- «ria do discurso, e os preceitos da composição.

«Convenho, mais que nunca, com Cicero, a despeito das observa- «ções de Marmontel, que a eloquencia, que a arte difficil de compôr «ou escrever, aprende-se antes nos passeios da academia, do que nos «bancos dos rhetoricos; a prova está em que os maiores oradores da «Grecia e Roma, foram instruidos por philosophos: estaria mesmo com «Socrates, que julgava inuteis os estudos da rhetorica. Dai-me um ho- «mem de inspiração; uma d'estas felizes individualidades que fati- «gam os seculos com a sua apparição; ministrai-lhe tinta e papel, «e vereis como fervem e transbordam essas ondas de eloquencia, esses «primores d'arte, essas imagens, esses quadros seductores, esses encan- «tos do bello, essas harmonias do mundo physico e moral, que derra- «mam tanto perfume, tanta seducção nos escriptos d'esses homens pri- «vilegiados. Esperai no momento da composição a ordem do pensa- «mento, a construcção das figuras, a disposição dos ornatos, a serie «das provas, o emprego dos logares communs; pesai na balança, como «diz Montesquieu, o valor dos termos, a ordem dos pensamentos, e «nada escrevereis, e tudo será frio e intoleravel. Convenho que a arte «aperfeiçôa a natureza; mas tambem é verdade que ella não suppre o «genio, e é só ao genio que é dado crear Socrates, Platão, Demosthe- «nes, Euripides, e Aristoteles; o estudo, uma applicação aturada, po- «derá formar Varrão, mas não produzirá Cicero nem Hortensio.

«Quintiliano tinha razão quando exigia nos oradores o que elle cha- «ma *judicium;* esta palavra vale, em quanto a mim, um grosso volu- «me; basta-me um unico exemplo. Se por ventura não tivesseis vós «mesmo cultivado a vossa razão, dirigido, fortificado a vossa sublime «intelligencia com os estudos severos da philosophia, conhecido por ella «as regras da esthetica, e estudado as paixões, terieis, com os soccor-

«ros de um compendio de eloquencia, creado a vossa inimitavel com-«posição, *Os Ciumes do Bardo*? Oh! certamente não; ahi está o que «chama Cicero *faces dicendi*, e tudo quanto o espirito é capaz de rea-«lisar de mais forte, mais variado, mais sublime e mais arrojado; pos-«suis todos os segredos do coração do homem, conheceis a violencia «das paixões, suas variedades, suas incoherencias, e o que ellas são «capazes de produzir de mais atroz, e, se é permittido dizel-o, de mais «nobre e de mais elevado. Não, não sois um poeta, não sois o disci-«pulo de Pindaro ou de Virgilio; sois o homem educado na escola de «Socrates e de Platão. Vós justificaes nos vossos escriptos o que dizia «Cicero: que tudo quanto elle era e valia, o recebera da philosophia. Não «sou inimigo da rhetorica; conheço o seu valor, aprecio os soccorros «que ella pode ministrar ao talento; mas, a quem deveu ella estes re-«cursos? de quem aprendeu ella os meios de evitar os desvios, ou os «excessos que annullam, entibiam a composição? Ficai certo; é mis-«ter educar, instruir e disciplinar este povoléo de litteratos e oradores, «que se arrojam a occupar a cadeira em que fulguraram Bossuet, Bour-«daloûe Massillon, Neuville, Fénélon, e seus emulos, o padre Antonio «de Sousa Caldas, Frei Francisco de Sampaio, e tantos outros que os «nossos sycophantas, que, segundo a vossa expressão, ignoram litte-«ralmente o latim, mas discipulos de Gongora e ineptos imitadores de «Marini, ousam chamar antiquarios, e appellidar insipidos e sem gosto.

«Bem antiga e velha é a eloquencia de Demosthenes e Cicero, de «Bossuet e Fénélon; mas onde estão os seus modelos? Oh! ahi está «Gongora, que vale bem Bourdaloûe, e os nossos romancistas que ri-«valisam a Marini.

«O romance, meu caro, meu sabio amigo, que substituiu as obras «profundas do decimo oitavo seculo, estragou a litteratura, da mesma «sorte que a eloquencia deliberativa e judiciaria, matou a eloquencia «sagrada. Para cumulo de males, a descrença e o indifferentismo em «materias de religião, fechando o grande theatro da eloquencia christã, «e anniquillando todos os brios e toda a emulação, apagou o archote «que o enthusiasmo e a consideração publica podiam accender. Mas, «para que fatigar-nos? Não está ahi a audacia que suppre o engenho, «e o desfaçamento que se exige em talento e dispensa o estudo? Para «que um compendio de eloquencia, se elles têem em seu auxilio o pla-«giato e as composições alheias que lhes ficaram em herança? Se não «falta um panegyrista venal ou gracioso que dirija em uma folha pu-«blica louvores exagerados e mentirosos? E depois, a zumbaia dos ou-«vintes que applaudem o que não entendem, e tomam por arroubos de «uma comprehenção transcendente, logogryphos que não podem deci-«frar, verificando d'est'arte o *optime! nec ego quidem intellexi!* e o es-«tipendio da confraria não é mais facil de receber, do que empregar

«largas noites e extensos dias na lucubração d'esses modelos que já «apodrecem por antigos? d'essas regras que condemnam a nossa igno- «rancia? d'esses preceitos que reprimem a nossa ousadia? d'essas re- «flexões que offendem o nosso amor proprio pueril? É inutil trabalhar «quando ha tanto que recolher e aproveitar. Para obviar tanta desor- «dem, e restaurar o imperio da verdadeira eloquencia, entendo que «era mais efficaz fundar escolas praticas, semelhantes ás que Quintiliano «havia creado em seu tempo, onde os moços advogados vinham sub- «metter seus arrazoados á critica do grande mestre, e aprender ao «mesmo tempo os segredos da declamação ou da pronunciação, que, «no sentir de Demosthenes, vale todos os recursos da oratoria.

«Mas quando mesmo não fossem valiosas as minhas reflexões, por- «que entendeis ser eu esse homem veneravel diante do qual emmudece «uma multidão agitada, e occultam as armas os furiosos que se prepa- «ravam para o combate? Não haverá illusão da vossa parte, quando se «trata de avaliar meus meritos? O que poderia eu accrescentar ao que «escreveram Cicero, Quintiliano e Aristoteles? ao que disseram Rolin, «Hugues-Blair, Maury e tantos outros? Semelhante a Pigmalião, escul- «pistes uma estatua, empregastes na sua execução as fórmas mais «graciosas, e todos os recursos da arte; elevastes para ella os vossos «olhos, e, esquecendo que era uma idealidade vossa, convertestes um «mytho e um symbolo brilhante, em um ser existente em uma realidade «objectiva: ainda mais, déstes ao pedestal da vossa estatua uma al- «tura desproporcionada, e a collocastes em tamanha elevação, que não «é possivel ser conhecida, e menos apreciada.

«Não pretendo contrariar o juizo que formaes de mim; não posso «entrar em lucta comvosco; mas tenho a convicção de que os vossos «louvores devem ser considerados mais por filhos da vossa amisade e «da vossa benevolencia para mim, do que o resultado de um juizo se- «vero e philosophico. Como quer que seja, sabio ou pedante, eloquente «ou pindarista, pobre ou rico na litteratura, eu vos abraço com toda «a minha cordialidade; eu vos aperto com toda a expressão da frater- «nidade. Se me admittirdes por vosso irmão d'armas, acceitarei este «titulo, não só como uma ovação, mas te-lo-hei ainda por uma recom- «pensa. No caso de concederdes este favor, uma vez ligado comvosco «pelos vinculos mais indissoluveis, peço-vos aperteis por mim a mão «d'esses distinctos litteratos que comvosco formam essa brilhante cons- «tellação, que irradia o bello céo da vossa patria, e cujos raios espan- «cam as trevas do pedantismo, e affugentam as sombras da ignorancia «que ameaçam tudo invadir e abafar.

«Adeus, meu adoravel amigo: este adeus renovou toda a amargura «da minha saudade. Em quanto me restar um sopro de vida, a recor- «dação que conservo de vós, a consciencia da vossa amisade, será um

«lenitivo no meio das tribulações que me cercam. Adeus, outra vez «adeus.

«O vosso amigo, o vosso admirador, o vosso irmão,

«*Frei Francisco de Monte-Alverne.*

«Rio de Janeiro, quatro de dezembro de mil oitocentos cincoenta e «cinco.»

A 8 de março de 1856 reescrevia-lhe eu o seguinte para que de novo peço venia; em o publicar vae talvez algum interesse.

«Meu querido irmão e mestre. — Tantas, e tão attentas tem sido as «leituras feitas 'nesta minha Thebaida, e perante os poucos bons, que «me frequentam, da vossa bella carta, que d'aqui avante já eu a repe- «tirei de cór a quem vier.

«Tendes razão: a carencia de philosophia é o que mais definha esta «bastarda litteratura contemporanea; mas contra isso que podemos «nós, que seja devéras efficaz? os nossos litteratinhos liliputianos saltam «da escola primaria antes de lerem correntemente, para o botequim; «onde se doutoram nas duas faculdades *epygramma*, e *fumo*, e d'alli «para a imprensa a discretear oracularmente *de omni scibili*. Se a phi- «losophia se podesse engarrafar, ou metter-se, como as folhas da bau- «nilha, entre as do tabaco, ainda haveria alguma esperança de lh'a «fazermos engolir; mas como a philosophia é estudo e meditação, como «pede remanso e retiro, como não vem nos jornaes das modas, nem «se diffunde dos lustres dos theatros; por demais seria o forcejarmos «por lh'a incutir. Sem philosophias, são elles auctores, e, o que mais «é, criticos; sem philosophias, teem certos os seus triumphos, porque «se constituiram em sociedade de *admiração mutua*, de escarneo e «despreso para tudo que não é elles.

Núl n'aura de l'esprit hors nous et nos amis

«Em logar por tanto da philosophia, que elles não podem tomar, e «em que mesmo não é bom fallar-lhes, para não os arriscarmos a «morrerem de riso, lembrava eu uma arte de fallar, e escrever, que «seria ainda philosophia, mas diluida, disfarçada, e adoçada:

Cosi all'egro fanciul porgiamo aspersi
Di soavi liquor gli orli del vaso;
Succhi amari ingannato intanto ei beve,
E dall'inganno suo vita riceve.

«Uma arte de fallar e escrever, executada por um homem de saber, «gosto, e auctoridade, por um Mont'Alverne em summa, intersachada «de formosos modelos e singelas analyses; fazendo sahir dos exemplos «as theorias, e conduzindo á instrucção atravez do deleite, seria, quanto «a mim, o expediente mais para tentar com probabilidade de bom «acerto. Estudos profundos, meditações em abstracto, não são para o «seculo do folhetim.

«Em muitas cousas valerá, e vale, mais a nossa idade que todos os «seculos precedentes; mas a superficialidade parvoa, descortez, cynica «e petulante, da maioria dos nossos moços, é um grave *senão*, para «lhe descontarmos os progressos, aliás memoraveis, da mechanica, so- «bre tudo da industria; cada vez educamos melhor a materia, e peior «os nossos similhantes; o homem é cada vez mais rei da creação, e «mais malcreado tambem.

«Philosophia! philosophia! é fallar de vestidos a selvagens nus; «cada dia colho eu novas provas de quão longe andamos d'aquellas «disposições naturaes, e instinctivas, de attenção, observação, e ana- «lyse, que são o principio de toda a philosophia; não irei buscar «o exemplo fóra das minhas coisas: todos hoje condemnam, sob a «palavra dos astronomos, a barbarie dos que perseguiram a Galli- «lêo por dizer que a terra se movia; sendo que do mover-se, ou não «se mover a terra, nenhum bem, nem mal, para elles perceptivel, «lhes resulta; mas esta mesma gente, que as passadas injustiças «dos nossos maiores para com os arautos da verdade, deveriam ter tor- «nado mais prudente e sobre si, para não incorrer em igual censura, «persegue-me com odio já de sete annos, e por quantos meios pode e «sabe, não por eu dizer que o Globo anda, mas por dizer, e provar, «que o genero humano pode, e deve andar! Evidenceio-lhes com fa- «ctos a facilidade de melhores destinos, pois indubitavelmente os con- «tém a illustração do povo; repulsam tudo; desdenham tudo; escarne- «cem tudo; ensinae a philosophia a homens d'estes, que nem no en- «sino do *a*, *b*, *c*, vol-a supportam!

«Algum dia virá, meu caro mestre, em que se possa aspirar á reba- «ptisação dos escriptores na piscina da philosophia, e é para apressar «esse dia digno de ser assignalado com perolas nos fastos da civilisa- «ção, que eu forcejo em edificar a escola primaria para todo o povo, «e para isso ando, como os obreiros do templo, uma das mãos no tra- «balho, a outra armada contra os inimigos; bem vejo que são muitos; «não admira: *infinitos* os tinha chamado o Espirito Santo; mas con- «tra o numero, qualquer que elle seja, pervalece sempre afinal a ver- «dade. É a historia da philosophia de Socrates, e da religião de Jesus, «a do descobrimento d'America, a da decadencia do despotismo e das «tyrannias, a da navegação a vapor, a da fabricação pelas machinas,

«a da invenção da imprensa, que digo? é a historia de todas as no-«vidades uteis.

«Ha uma arvore que medra sempre, mas sempre regada de suor, «lagrimas e sangue de martyres: é a *arvore da sciencia*. Entre estes «martyres, sois vós um dos mais illustres; um dos minimos, eu. Cum-«pramos o nosso destino; continuemos ambos a merecer: vós, os odios «honrosos da inveja; eu, as perseguições, não talvez sem prestimo, «dos obscurantes; ambos, as bençãos da consciencia, e as da posteri-«dade, que é a suprema instancia onde os processos iniquos dos con-«temporaneos vão ser annullados, e os homens serios, de bem, e pres-«tadios, mettidos na pacifica posse do que lhes pertencia, e lhes ne-«gavam.

«Escrevei, meu venerando mestre, o que vos aprouver: philosophia, «rhetorica, poetica; ou, como o costumais, exemplares inexcediveis «de tudo isso; mas escrevei; escrevei sempre; e a mim, as mais ve-«zes que vos for possivel. Entre os vossos discipulos, e admiradores, «nenhum tendes tão admirador, nem tão attento, nem tão amigo, nem «tão obrigado, como o vosso irmão.

A. F. de Castilho.

«Lisboa oito de março de mil oitocentos e cincoenta e seis.»

Sem ver nem ouvir, continuou o bom do frade o cansado resto da sua jornada para o sepulchro. O escravo negro (escravo e amigo como o jau) era, pouco ha ainda, o seu bordão, e a sua lanterna; firmava-lhe e regia-lhe os passos, ao mesmo tempo que lhe revelava para dentro o scenario, as visualidades, as figuras movediças e passageiras do mundo circunfuso; transmittia-lhe os gosos da vista, e recebia em troca a musica d'aquella voz eloquente, as observações e os pensamentos que ampliam e aviventam o universo material, fria pintura apenas, para quem sabe apenas encaral-a. Agora o conductor não era mais que um arrimo; não dava luz. As trevas completavam-se com o silencio; já dava no rosto a friagem da noite da eternidade; só faltava regellar de todo... e caír. A morte era já então um livramento, uma alforria para dois.

Ainda no desconsolo d'este deserto, o orador, que parecia ter ficado havia muito para traz perdido e desfeito, reappareceu uma vez glorioso! Foi a ultima.

Era em Nitheroy: Nitheroy uma das trezentas ilhetas que na explendidissima Bahia Fluminense fazem cortejo, como outras tantas nereydas occultas em verdura e flores, á deliciosa capital do immenso imperio.

Terra de saudades! se jámais tornarei a respirar os teus ares balsamicos! a descer pelas tuas azinhagas floridas! a reclinar-me 'num tapete branco, recamado de conchas, franjado de prata pelo Oceano! a jantar e poetar com o irmão e amigos, ali, á larga sombra e protector abrigo da natural muralha de penedias!

Nitheroy, só distante do Rio de Janeiro uns dez minutos de vapor, é pelo alegre e bem posto da sua cortezã povoação, pelo mixto campestre e marinho dos seus arredores, pelo inspirativo dos seu aspectos ao perto e ao longe, pelo fresco, ameno e saudavel dos seus ares e das suas aguas, e pelo muito que em razão de tudo isto, ali se abrem ao prazer, e mutuamente se fecundam os animos dos que lá vivem, e dos que lá concorrem feriados de occupações e pesadumbres, é, repetimos, uma das mais procuradas para recreação e para saude, d'entre as procuradissimas paragens d'aquelle archipelago, infinito e sem rival.

Em Nitheroy se achava pois Monte-Alverne a tomar-lhe os ares, que era, coitado, tudo quanto lhe podia tomar. Ia celebrar-se ali uma pequena festividade 'num benefico asylo de educação de meninas; desejavam todos, ninguem ousava pedir ao solitario que engrandecesse aquelle acto de domestica e sympathica simplicidade com um inesperado discurso dos seus, ao cabo de tão largo silencio. Tomou a si meu irmão ser procurador do geral empenho, e envidar para o bom despacho os direitos da amisade, que ali então lhes era chegada pela convivencia já quasi a contubernio; e com tão boas fadas andou na diligencia, que na manhã do proprio dia, apresentou a supplica, venceu as resistencias, e reconduziu á cadeira curul da oratoria sagrada o antigo triunfador.

Nunca jámais sol no ocaso ostentou resplendores tão vividos e ardentes! Não parecia entrar 'num crepusculo da noite, mas sair repentino d'um crepusculo da noite, sem transição de aurora, para esparzir dos ceus para a terra um brilho mais inefavel que nunca!

Quesivit cœlo lucem.....

A mesma amiga mão, que ali o conduziu, dos labios lhe photographou para o papel a oração, realisado d'esta vez o encarecimento de Marcial:

Currant verba, licet; manus est velocior illis

Foi em verdade uma formosa e tocantissima oração; uma chu-

va improvisa de amores perfeitos e perolas sobre um viveiro de aves do paraiso.

Passou tempo; é ainda em Nitheroy; falta um dia para se despedir o mez de novembro de 1858. Está no seu auge a primavera 'nestas regiões, cujos invernos mesmos invergonhariam os estios de outras partes. A terra canta; respira amores em seus halitos fragrantes. O Oceano suspira-lhe aos pés; a musa grega comparal-o-hia com Hercules, o feroz, o invencivel filho de Jupiter, reclinado ás plantas da joven rainha Lydia, enlevado na sua voz, nos seus sorrisos, nas sedas e flores do seu trage, nos transparentes mysterios da sua voluptuosidade. O sol, do alto dos céos innundados de luz, contempla ufano estes milagres do seu influxo; porque se em alguma parte poude o sol merecer cultos divinos, quaes lh'os tributaram os incas por mão de suas vestaes, foi lá, é só lá, 'naquella America! hemyspherio do esplendor e da poesia, das grandiosidades e das opulencias, das paixões e das delicias! lá, onde a naturesa, dadivosa e maternal, parece estar segredando ao homem: «Eu vello, eu trabalho, eu produzo tudo por ti e para ti; dorme tu acalentado no meu regaço! dorme, e sonha felicidade, em quanto o sábiá canta amores á sombra da palmeira.

«O Apollo musico, poeta, e perennemente juvenil, devaneou-o a Grecia; só eu o possuo no meu sol. As graças e os amores, progenie de Venus, e Venus filha do mar, foram lá ficções; são aqui realidade. Os cantores das ridentes fabulas, não foram senão prophetas meus. Uma idade de oiro, que elles sonharam no passado, guardava-a e guardo-a eu, aqui, por traz da barreira do Oceano, eu, a naturesa da America, a filha do grande sol, para a entregar um dia, não a quem pela audacia do genio me descubrisse, mas a quem depois soubesse, ou souber, aproveitar-se em cheio dos meus dons!»

Oh! como não deve ser custoso largar a vida em solo que tanto nos ama! e na primavera de sua eterna primavera.... expirar!

Ao nosso religioso, como a homem seu, mitigou a Providencia tão agro sacrificio: determinára chamal-o a si, d'aquelle ninho de branduras, e 'naquella estação em que só se apetece permanecer; não o quiz arrancar, colheu-o. Graduou-lhe a morte, para que elle a sentisse menos, ou a não sentisse.

Fôra-se Monte-Alverne desatando do mundo a pouco e pouco: primeiro, com a profissão; depois, com a velhice; depois, com as malevolencias da inveja; depois, com as trevas; depois, com a primeira imposição de mãos do anjo do chamamento; depois,

com a surdez; faltava já tão pouco ao fio adelgaçado para que a pomba podesse voar da pyra e sumir-se nos céos!.... mas esse pouco podia sèr ainda immenso, se elle o abrangesse com a sensibilidade, e com o entendimento; pois apague-se o entendimento, e perca-se a sensibilidade; não lhe dôa já o golpe derradeiro.

Está na sua Nitheroy; está em casa de um amigo seu, dos mais intimos; está-lhe dictando uma obra litteraria; está por tanto ainda acarinhado das esperanças... quando a subitas o raio apopletico o derruba. O amortalhado de 57 annos, e idoso de 74, baqueia-se para nunca mais se levantar. Vegeta, respira ainda tres dias. A 2 de dezembro... tudo está concluido. É um mero nome para a historia. É uma corôa de loiros sem dono, que vai pendurar-se 'num cipreste.

Que digo tudo está concluido?! Agora é que tudo instantaneamente começou: a venda que tapava os olhos e ouvidos, caíu aos pés! Desapparece a velhice! Gemia agrilhoado, estende azas pelo infinito! Annelava sciencia, descortina os mysterios em sua fonte! Suára pela fama, honrinha terrestre, simples sussurro de duas folhas de palma, acha-se engolfado na gloria! Pelas estreitezas de um cenobio, a immensidade dos céos! Pela mortalha, a purpura! Pela morte, a vida! Pelas dôres, enfermidades, miserias... o summo bem! Assim nos é justo e piedoso acreditál-o; após a batalha, o triumpho. No fim, como no principio, Deus.

Coincidencia notavel! o dia que ao Imperio rouba um dos seus brasões, é festivamente saudado pela artilheria de mar e terra, pela gala da côrte e dos theatros, pela musica das ruas, pelo *Te-Deum* nos templos, pelo contentamento e festins dos cidadãos em todas as casas: é o trigesimo terceiro anniversario do Imperador.

A esta coincidencia de contraposições, juntou-se outra ainda, mais notavel, de harmonias. 'Naquelle mesmo 2 de dezembro se finára tambem, 306 annos havia, outro religioso, tambem Francisco, tambem orador eloquentissimo: o grande apostolo das Indias.

Accorreu a sciencia a salvar da destruição o mais que podesse de varão a quem tanto era devedora. O cadaver foi entre lagrimas embalsamado pela habil mão do sr. dr. Peixoto.

Não era estylo para entre frades este genero de honras; menos usual era porém o merecêl-as. Se o voto da humildade monastica se confrangia, o justo orgulho da patria não podia menos que antepor-se-lhe. Já não estava ali o cenobita; o que d'elle restava era uma preciosidade nacional. Elle, o espirito, subíra á sua eternidade; uma sombra de eternidade, que é tudo quan-

to cá em baixo se póde dar, condizia bem á sua magestosa reliquia.

Depois: não ha na embalsamação d'estes individuos desde a nascença privilegiados, o que quer que seja de consentaneo e sympatico ao seu destino? Estes aromas, que afugentam os vermes e prohibem a corrupção, não substituem bem o sangue fervente? não teem certa afinidade com aquelles fluidos subtís e impetuosos e com aquelles espiritos, que só tendiam para as alturas, ambicionavam e prediziam ás proprias obras perpetuidade? Arvores de opulenta e poetica natureza elaboraram em si essas essencias, e as offereceram para os homens de natureza tambem poetica e opulenta, a fim de que elles participassem da sua incorruptibilidade. As virtudes enthesoiram-se nos céos; o amor enthesoira-se nos corações; o engenho e a sciencia enthesoiram-se nos livros; no tumulo entre aromas se enthesoire tambem o vaso em que tudo isso residiu. Em cofre de cipreste se resguardavam, ungidos com oleo de cedro, os escriptos acredores de mais larga vida; era a embalsamação do producto; mereceria menos o productor? Ao pé das obras de Monte-Alverne, perpetuadas pela imprensa, e nas memorias, está bem o corpo de Monte-Alverne preservado da anniquilação. Ao pé da pyramide eterna, o egypcio que a levantou.

Eu por mim comprehendo e amo estas harmonias. Vai 'nellas galardão e incentivo. Liga-se o passado ao futuro; semeia-se muito futuro no passado.

Do convento de S. Domingos de Nitheroy foi o corpo embarcado 'numa das galeotas imperiaes, que o transportou até ao cáes Pharoux no Rio de Janeiro.

A fastosa embarcação doirada, cortando em silencio com remos vagarosos tão serenas aguas, e conduzindo, em quadra tão deleitosa para viver, um tamanho morto, a exhalar perfumes e saudades, devia recordar aquellas theorias coroadas de flores, que levavam pelas ondas melodiosas, tepidas e brilhantes do mar da Attica, a victima enviada de uma de suas ilhas ao templo da Minerva atheniense.

No cáes se achavam juntas á espera do corpo innumeraveis pessoas, e por entre ellas as que haviam de acompanhal-o em prestito de honra até á derradeira poisada; eram dos mais altos empregados da côrte; assim o determinára o Imperador, que mandou se lhe fizessem o saimento e ultimos obsequios, como a official mór de sua casa. O camarista de semana, e o ajudante de campo de Sua Magestade, os srs. Cabral, Nogueira da Gama, e Paulo Barbosa da Silva, além de outros muitos gentis-

homens, e povo sem conto, acompanharam o coche mortuario, desde o desembarque até á ladeira do humilde conventinho franciscano. D'ali foi o feretro levado á mão por entre as lagrimas e orações da communidade, orfanada da sua maior gloria, até ao jazigo na capella do claustro, contigua a ess'outra onde jazem os dois principes imperiaes.

Duas orações funebres resoaram sobre o esquife do principe dos oradores brasileiros, e foram dignas d'elle: uma, pelo sr. conego Fernandes Pinheiro, representante ali do Instituto Historico-Geographico de que o finado era socio honorario; a outra, pelo sr. Porto-Alegre, como interprete da mocidade estudiosa, que tanto saber e animação devêra áquella bocca, para sempre emmudecida.[1]

Foi a chave do caixão entregue, para Sua Magestade Imperial, ao seu mordomo.

Competia-lhe; era mais que um amigo, era parente proximo no saber e talento.

O retrato de Monte-Alverne foi collocado entre os de outros prelados, e a par de luminares[2] da ordem, 'numa sala do convento. Quem ali entra só o vê a elle.

A cella de Monte-Alverne ficou religiosamente fechada, e assim permanecerá. Junto da vasia cadeira de Anchieta a cadeira vasia de Monte-Alverne.

«Quando Mirabeau morreu (diz um escriptor brasileiro) por algum tempo ninguem ousou sentar-se na cadeira que elle occupava na assembléa de que era membro. Quem se atreverá a occupar a cella de Monte-Alverne?»

Se um dia, descumprindo os votos, mas confirmando os vaticinios de Monte-Alverne, o Imperio abolir as ordens religiosas, o convento de Santo Antonio do alto da collina poderá secularisar-se em usos civis: tornar-se uma estação publica; uma vivenda de particulares; uma assembléa recreativa; ou um montão de ruinas melancolicas. Porém esta cella (em quanto ás boas lettras se dér apreço) ha de ser mantida intacta, com tudo o que lhe pertence.

[1] Ambos estes discursos vieram á luz na *Revista do Instituto Historico-Geographico Brasileiro*, e bem assim um elogio pelo sr. dr. Macedo, e um estudo sobre a oratoria de Monte-Alverne pelo sr. dr. Magalhães.

[2] Os tres grandes prégadores franciscanos brasileiros, Rodovalho, S. Carlos e Sampaio.

Muito mais se podéra escrever: da vida litteraria, da vida intima, e da vida anecdotica de Fr. Francisco de Monte-Alverne. Outros o farão sem falta; e melhor do que eu o pudéra cá tão longe. A mim, basta-me haver consagrado este leve tributo á sua fama, ás suas virtudes, ao seu talento, ao seu generosissimo affecto para comigo.

ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO.

CHRONICA

chronista alegra-se quando ao sentar-se á meza do trabalho, para encetar esta tarefa, se vê rodeado de livros novos, de livros que possam enriquecer a litteratura nacional, como aconteceu no numero anterior. D'esta vez, porém, ficou privado d'esse jubilo. Obra portugueza na idéa, na acção, e na palavra, não a tem diante dos olhos, nem a teve, n'este intervallo, para ler. Mas resta-lhe ainda o prazer de folhear um livro, que apesar de estrangeiro na acção e na idéa está por tal fórma portuguez na palavra, que mudados os nomes dos personagens, alteradas as localidades e riscado do frontespicio o nome do auctor, ninguem lhe adivinhava a origem. Tudo isto lembrou ao chronista, abrindo o unico livro, que tinha diante de si, para registrar n'estas paginas. É facil suppor que tão apreciaveis recordações lhe suavisassem a tristeza. E suavisaram. Trabalhos similhantes são raros e realisa-os unicamente um talento superior. Teve-o por interprete a *Fanny*, que é o livro a que nos referimos. Agora bastará citar o interprete para attestar ao leitor o merito da versão. O interprete foi o sr. Camillo Castello Branco.

N'este mesmo jornal já fizemos uma rapida apreciação da *Fanny* quando o romance appareceu entre nós, e se tornou moda, pelo prestigio que alcançára em França, prestigio que n'essa occasião attribuimos ao escandalo e que ainda hoje continuamos a attribuir. Durante um mez analysou-se, discutiu-se e commentou-se nos nossos salões a *Fanny*, merecendo os epigrammas das mulheres de espirito, promovendo a admiração das mulheres de *carne*, (classificação que então démos á heroina) os sarcasmos dos poetas, o riso ironico dos maridos, a indignação dos homens *serios*, a critica dos entendidos e o motejo dos satyricos. Enchiam-se talvez duzentos folhetins com as apreciações sensatas, burlescas, graciosas, verdadeiras, absurdas, imaginosas e prosaicas,

que se aventaram sobre a *Fanny* nas palestras e conversações que a sua leitura provocava diariamente no mundo litterario e no mundo elegante.

Trasladada agora para o nosso idioma a *Fanny*, vai correr outras mãos e exaltar outras cabeças. Todos — e todas — que a não poderam ler no original, e que, por essa rasão, mais aguçada tinham a curiosidade, vão finalmente satisfazel-a. E desde já lhes asseguramos que lucraram com a espera. A versão de Camillo Castello Branco, é um primor. O nosso primeiro romancista, sustentou a sua reputação, vencendo no estylo o romancista francez. A phrase sem nunca perder, antes ganhando na elevação, ficou portugueza de lei. Reproduz exacta a idéa, ostentando mais rico lavor. Soube imprimir-lhe a mesma individualidade que distingue as suas producções litterarias. Deu-lhe igual feição á linguagem, gravando-lhe o cunho proprio. Se lhe apagasse o nome da primeira pagina, deixava-o estampado em todas as mais. Cada periodo apresentava o *fac-simile* do auctor de *Onde está felecidade*, do *Ultimo acto*, e da *Vingança*.

E dada a noticia da *Fanny*, vê-se o chronista obrigado a pôr ponto final no assumpto. Mas é tal o empenho de apresentar novidades litterarias que á falta de outras vai citar uma novidade caseira. Ainda que, fallando a verdade, não podia deixar de cital-a para cumprir um dever. O dever é um agradecimento e para o manifestar resta-lhe apenas este lugar. O modo por que lhe enviaram a poesia o *Beijo do Diabo*, que o leitor assentou logo ser a novidade caseira, não permittiu que se dirigisse um simples obrigada á auctora. Tão primorosa dadiva foi recebida pelo correio, e o nome que a firma, infelizmente para o chronista, é-lhe desconhecido.

Nota, porém, que é mavioso como os versos, feiticeiro como o titulo da poesia! Denuncia uma alma candida e meiga, revela um coração ardente, mas ulcerado! Ha n'aquelle nome como um perfume de melancolia que prende e captiva! Insinúa-se pela singelesa, e a propria singelesa eleva-o. Tem um não sei que, de mysterioso e pouco vulgar, que causa logo impressão e fica docemente gravado na memoria! Pensa assim o chronista porque assim lhe aconteceu. Desde que viu a assignatura da poesia *O Beijo do Diabo*, nunca mais se lhe apagou da lembrança. Sophia da Soledade! Quem será, repetia a cada instante! Onde vivirá! Chamar-se-ha realmente Sophia da Soledade? Talvez não. É possivel que se chame Sophia e que lhe juntasse o pseudonimo de Soledade! E será solteira? Não creio. Casada? Mais depressa. Viuva? É viuva, aposto. E n'estas conjecturas tem passado até hoje o tempo, baldando todas as indagações e malogrando todas as tentativas que aventurou para realisar o seu empenho. Todavia, não desanima, e proseguirá nas mesmas averiguações até descobril-a. Do que o chronista ficou convencido, mal acabou de lêr o *Beijo do Diabo*, é que a auctora é uma mulher de verdadeiro talento, uma mulher de notavel intelligencia e finalmente uma mulher de coração! Escolhendo o nosso jornal para dar a lume a sua bella poesia, honrou-nos extremamente. Creia, pois, no mais profundo reconhecimento dos directores da *Revista Contemporanea* E como a estes não resta outro meio, senão estas paginas, para lhe rogar que continue a mimoseal-os com tão apreciavel collaboração, entenderam dirigir-lhe aqui essa supplica, esperançados, — porque lhe presentem a benevolencia — que serão attendidos.

É aos ricos que se pede, e a leitura do *Beijo do Diabo*, revelou-nos immediatamente a deslumbrante riqueza da auctora.

Vieram ha pouco interromper o chronista para lhe apresentarem um jornal que a administração da *Revista*, tinha recebido do Rio de Janeiro. Acabamos de o folhear, e no rapido exame que fizemos dos differentes assumptos litterarios que tracta, observámos que muitos são devidos ás pennas de bons escriptores, tornando-se por esta razão dignos de louvor. Intitula-se *Saudade*, e continuando a saudade a ser cultivada com tanto esmero, agouramos-lhe que ha de ser duradoura.

Seguem-se as novidades artisticas.

Fomos visitar uma d'estas manhãs o estudo do pintor Annunciação. Nunca ali entrâmos sem ficarmos surprehendidos. Que imaginação tão fecunda! Que bello tálento! Que laborioso artista! É a pintura o seu enlevo! É o trabalho a sua melhor distracção! N'aquelle recinto vive, e vive contente, e vive feliz, e vive na opulencia! Na opulencia, sim; na opulencia da sua phantasia, que o rodeia de esplendores! Nem ambiciona outros, nem com outros sonha, nem d'outros inveja a magnificencia!

Novas producções, como sempre, adornavam o estudo de Annunciação. Como estâmos em dia com as suas obras facil nos foi descobril-as. Logo á entrada deparamos com um quadro. Formava o primeiro plano uma ovelha, uma vacca e uma egua collocadas sobre um monticulo e á borda de um riacho. Os tres animaes são bellas copias do natural. Para lá do riacho vêem-se duas figuras de pastores vigiando o gado que se divisa espalhado pelo campo. É ao descahir da tarde no outono. Mais tres quadros pequenos abrilhantam a galeria. São dois interiores e um exterior. N'um dos primeiros está um cavallo cançado á mangedoura; no outro acolhe-se uma familia, composta de uma ovelha, de um carneiro e de um borrego. O exterior apresenta uma saloia e um burro com ceirões. Aquella encosta-se á janella de uma quinta, que fórma o fundo. Na singelesa e na verdade basea-se o merito d'estes quadros.

Mas, o que deveras nos surprehendeu foi o esboço que tinha em cima do cavallete. Ha muito tempo, que o distincto artista, nos havia fallado n'aquella composição que então projectava. Era o sonho doirado da sua imaginação!

Dois annos levou a completal-o, e só agora se resolveu a reproduzil-o. Os primeiros traços justificam o enthusiasmo! Promette ser uma maravilha! Reservamos a analyse para quando estiver concluido. É este o trabalho que o sr. Annunciação destina para a exposição. Damos já os parabens ao artista e ao paiz. A *Eira* (é este o assumpto do quadro) ha de ser, desde já lh'o profetisamos, muito apreciada em Londres. Annunciação póde um dia igualar Rosa Bonheur e Troyon. Affiançamos que póde, se apparecer um ministro n'esta terra, que prefira engrandecer-nos com o prestigio d'um artista notavel, a engrandecer a propria farda com mais duas fitas. São os talentos como os de Annunciação que se devem mandar aprender lá fóra. Tarde porém, ha de acceitar-se esta doutrina. Hoje a melhor recommendação é a influencia eleitoral. E depois quem sabe? Talvez ao pintor Annunciação nunca lhe lembrasse sequer o recenceamento!

ERNESTO BIESTER.